

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

SUYANNE CLAIRE LOPES

O BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DA (DES)INFORMAÇÃO POR *FAKE NEWS*

São Luís
2020

SUYANNE CLAIRE LOPES

O BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DA (DES)INFORMAÇÃO POR *FAKE NEWS*

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, na Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira

São Luís
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Lopes, Suyanne Claire.

O bibliotecário no processo da desinformação por fake news / Suyanne Claire Lopes. - 2020.

85 f.

Orientador(a): Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira.
Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Bibliotecário. 2. Desinformação. 3. Fake New. 4.
Fontes de Informação. 5. Mediação da Informação. I.
Miranda de Sousa Teixeira, Cenidalva. II. Título.

SUYANNE CLAIRE LOPES

O BIBLIOTECÁRIO NO PROCESSO DA (DES)INFORMAÇÃO POR *FAKE NEWS*

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em ____ / ____ /2020

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira (Orientadora)
Doutora em Engenharia Elétrica na área de concentração Ciência da Computação
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof.^a Dr.^a Maria da Glória Serra Pinto de Alencar
Doutora em Políticas Públicas
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Carlos Wellington Soares Martins
Doutor em Políticas Públicas
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dedico este trabalho aos dois amores da
minha vida: minhas filhas Sofia Lopes
dos Santos e Samira Lopes Pinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora de Fátima, por terem me mantido no caminho certo apesar das incertezas das minhas escolhas. A fé que tenho na proteção de ambos é o que me dá forças para não desistir dos meus objetivos.

Agradeço a todos da minha família pelo incentivo diário, em especial à minha mãe Silaidima Diniz Lopes (em memória), que sempre incentivou meus estudos e fez nascer em mim a ideia de que nós mulheres precisamos ter uma profissão. À minha irmã Susan Claire Lopes, pelo apoio incondicional na vida; ao meu pai João Borges Lopes, por me apoiar em cada decisão sempre; aos meus amores Sofia e Samira, que chegaram na minha vida para me ensinar o que é o amor verdadeiro, merecendo o melhor de mim.

Agradeço de todo o meu coração à professora e orientadora Cenidalva Miranda de Sousa Teixeira, que teve participação fundamental para que eu não desistisse. Obrigada pela paciência e orientação!

Agradeço ainda aos demais professores do Departamento de Biblioteconomia, pois são responsáveis pela minha trajetória do conhecimento dessa profissão que eu escolhi viver.

Meus sinceros agradecimentos à banca examinadora, composta pela professora Maria da Glória Serra P. de Alencar e pelo professor Carlos Wellington Martins, por suas valiosas contribuições para melhoria deste trabalho.

Aos queridos Geodson Diniz e Daniel Borges, que mesmo de longe sempre se fizeram presentes em minha vida.

Às amigas que a universidade me deu de presente: Nívia Letícia, Luciene Carvalho e Ana Carolina. Obrigada por sempre estarem por perto, aconselhando, incentivando e ajudando. Este trabalho também é por vocês!

Todo o meu amor e gratidão até o fim.

Muito obrigada!

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”.
(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

Estudo sobre as *Fake News* destacando como o bibliotecário, enquanto profissional da informação, atua no combate às *notícias falsas* com ênfase no ambiente virtual. Apresenta-se um breve histórico sobre a *Internet*, as redes sociais e suas evoluções, com enfoque nas fontes de informação e seus conceitos. O trabalho intenciona verificar como as autoridades se mobilizaram e quais leis e inquéritos estão em andamento, e que criminalizam as publicações mentirosas. Foram realizadas buscas de expressões utilizadas na web, expressões essas extraídas de páginas de redes sociais e matérias de veículos de comunicação, para exemplificação do problema. A pesquisa caracteriza-se por exploratória e descritiva, e se deu por meio de levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e aplicação de questionário. A análise foi realizada a partir dos dados coletados por meio de questionário online, possibilitando o “diálogo” com os autores pesquisados sobre essa temática. A observação acerca da atitude do bibliotecário frente ao combate a (Des)Informação por *Fake News*, com a aplicação de um questionário online, permitiu verificar que esses profissionais estão atentos à questão e buscam formas de combater à disseminação de notícias falsas, mesmo não possuindo ferramentas adequadas em seu ambiente de trabalho. Essa atenção no combate às notícias falsas está presente não apenas em seu ambiente profissional, mas também no contexto pessoal, reiterando o seu compromisso como cidadão, além do cuidado de sempre realizar a verificação do conteúdo e checar a veracidade das informações recebidas e compartilhadas.

Palavras-chave: *Fake News*; Notícias Falsas; Desinformação; Fontes de Informação; Mediação da Informação; Bibliotecário.

ABSTRACT

Study on Fake News highlighting how the librarian, as an information professional, works to combat false news with an emphasis on the virtual environment. A brief history of the Internet, social networks and their evolution was present, focusing on the sources of information and their concepts. The work intends to verify how the authorities were mobilize and which laws and investigations are in progress, and which criminalize lying publications. Searches of expressions used on the web were carried out, expressions extracted from pages of social networks and materials of communication vehicles, to exemplify the problem. The research is characterized by exploratory and descriptive, and was carried out through bibliographic survey, field research and questionnaire application. The analysis was carried out based on the data collected through an online questionnaire, enabling a “dialogue” with the researched authors on this topic. The observation about the librarian's attitude towards combating (Des) Information by Fake News, with the application an online questionnaire, allowed to verify that these professionals are attentive to the issue and are looking for ways to combat the spread of false news, even if they do not have adequate tools in their work environment. This attention in combating false news is present not only in your professional environment, but also in your personal context, reiterating your commitment as a citizen, in addition to being careful to always check the content and check the veracity of the information received and shared.

Keywords: Fake News; False News; Disinformation; Information sources; Information Mediation; Librarian.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Crescimento anual digital janeiro 2019	19
Figura 2 – Ranking mundial dos países que mais consomem notícias pelo <i>Facebook</i> ..	27
Figura 3 – Redes Sociais e meios de comunicação como fonte de informação	28
Figura 4 – Tirinhas	35
Figura 5 – Oito passos para identificar uma <i>Fake News</i> (IFLA)	40
Figura 6 – 7 Pontos para checar se uma notícia é falsa	42
Figura 7 – Projeto de combate às <i>Fake News</i> – Senado Federal	50
Figura 8 – Liberdade de Expressão	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADPF	Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
ARPA	Advanced Research Project Agency
CERN	Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear
DCA	Defense Communication Agency
EUA	Estados Unidos da América
IFLA	International Federation of Library Association and Institutions
IPTO	Information Processing Techniques Office
INQ	Inquérito
MIT	Massachusetts Institute of Technology
MHZ	Mega-Hertz
NASA	National Aeronautics & Space Administration
NSF	National Science Foundation
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PL	Projeto de Lei
PL	Partido Liberal
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
STF	Supremo Tribunal Federal
TCP/IP	Transmission Control Protocol/Internet Protocol
TIC	Tecnologias de Informação e de Comunicação
UCLA	Universidade da Califórnia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	INTERNET: um breve histórico	16
2.1	<i>Web</i>	20
2.2	Redes Sociais	21
2.2.1	Redes sociais como fontes de informação	24
3	FONTES DE INFORMAÇÃO	30
3.1	Fontes de informação na <i>web</i>	32
3.2	Bolhas de informação ou bolhas sociais	33
4	<i>FAKE NEWS</i>	38
4.1	Pós-verdade, desinformação e contrainformação	43
4.2	Informação fora do contexto, sátira, <i>click-bait</i> , <i>phishing</i> e <i>deep fake</i>	46
5	<i>FAKE NEWS</i> , LIBERDADE DE EXPRESSÃO E CENSURA (Inquérito 4.781 do Supremo Tribunal Federal e o Projeto de Lei – PL 2.630/2020 – Lei das <i>Fake News</i>	48
6	O BIBLIOTECÁRIO NO CONTEXTO DA (DES)INFORMAÇÃO POR <i>FAKE NEWS</i>	53
6.1	O bibliotecário na <i>web</i> no combate a desinformação	56
6.2	O bibliotecário como mediador da informação legítima	59
7	METODOLOGIA	64
8	RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
9	CONCLUSÃO	73
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE – QUESTIONÁRIO	

1 INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo as novas formas de buscas e disseminação da informação tem a *Internet* como seu início ou ponto de partida, e um dos fatores que desencadearam esse fenômeno, ou essa nova forma de busca atribui-se ao grande número de produções científicas e informacionais que são publicadas nas redes. Outro fator importante foi a capacidade de como os produtores de conhecimento e de informação, puderam atingir diminuindo a distância entre a informação e o público consumidor, pelas publicações nas redes via *Internet*.

De acordo com CASTRO, “A penetração da *Internet* e a expansão das mídias sociais vem permitindo a geração e comunicação de muitos para muitos em uma escala sem precedentes”. (CASTRO, 2018, p. 62).

A distância, a quantidade, a facilidade, o tempo ganho no compartilhamento e nas buscas, foram fundamentais para o “boom informacional”. Nesse contexto, destaca-se o site de buscas *Google*, assim como a grande produção e disseminação de informações em redes sociais como o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*, entre outros.

Com o surgimento dessas novas práticas de busca e compartilhamento de conhecimento e informação por meio da *internet*, chamadas também de novos instrumentos da informação, aumentou a necessidade da verificação da veracidade dessas informações assim como de suas fontes criadoras. A partir desse fenômeno, ocorreu o crescimento exponencial das *Fake News*, que é a “desinformação intencionalmente falsa e deliberadamente propagada”. (CASTRO, 2018, n.p.).

A primeira noção que se teve da palavra desinformação foi durante a Operação Guarda-Costas na Segunda Guerra Mundial. Um plano foi concebido para preservar a localização e enganar o alto comando alemão quanto ao tempo e local de uma invasão. O plano continha várias operações, que culminaram com a surpresa tática dos alemães durante o desembarque na Normandia em 6 de junho de 1944 (Dia D) e retardados reforços alemães para a região por algum tempo depois. (WIKIPÉDIA, online). E na língua inglesa a palavra desinformação surgiu no dicionário em 1972. (ZATTAR, 2017, n.p.)

Dentro das novas práticas informacionais foram exigidas também novas atitudes, sobretudo no que diz respeito ao tratamento, armazenamento e disseminação ou mediação da mesma. Essas novas atitudes são exigidas principalmente dos profissionais que trabalham diretamente com a informação e comunicação, sejam eles provedores de

sites, jornalistas, cientistas da informação, bibliotecários entre outros. “[...] se por um lado, ocorreu essa democratização na geração e no compartilhamento de conteúdo, por outro vimos, também em grande proporção, a explosão da desinformação *online*”. (CASTRO, 2018, p. 62).

Nas discussões em torno da prática informacional, destacam-se as questões que envolvem a qualidade do conteúdo nas dinâmicas de busca e recuperação, dentre as quais estão as notícias e informações falsas ou semifalsas, a desinformação. Um exemplo disso são as ações de bibliotecários nos Estados Unidos da América que têm como objetivo orientar os usuários na busca por fontes de informações confiáveis (KEAN, 2017, apud ZATTAR, 2018, p. 62).

Fake News são notícias intencionalmente falsas, criadas para enganar os leitores e propagar a mentira para o maior número possível de pessoas e seus grupos sociais. Porque além de existir para um propósito, seja ele político, econômico ou social, quanto mais acessos em seus blogs e redes sociais, mais lucros terão os seus criadores e disseminadores, isto porque para cada clique há uma cobrança de anúncios e o pagamento é feito pelo número de cliques realizados. (ROCKCONTENT, 2019, online). O conteúdo tendencioso das *Fake News* serve para espalhar a mentira com a rapidez que a *Internet* proporciona.

Partindo do pressuposto de que a ferramenta de trabalho do bibliotecário é a informação em suas mais variadas formas e que dentro desse contexto está o tratamento, organização e sua disseminação na forma de orientação aos seus usuários, ressaltamos que a relação da desinformação com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, sobretudo, da internet, nortearam as questões para esta pesquisa.

Como o bibliotecário pode contribuir no combate a disseminação das *Fake News*? De que forma ele pode identificá-las nas redes sociais? O bibliotecário está atento à legislação sobre o combate às *Fake News* e se preocupa em validar as informações antes de propagá-las? São essas as questões norteadoras deste trabalho.

Assim, o objetivo geral da pesquisa é verificar as atitudes do bibliotecário no contexto da (Des)Informação nas redes sociais. Especificamente buscou-se identificar as fontes de informação na web, contextualizar as *Fake News* nas redes sociais e seus aspectos legais, evidenciar o papel do bibliotecário no combate as *notícias falsas* e verificar a percepção do bibliotecário na validação da informação.

Para atingir aos objetivos propostos foi realizada a pesquisa de caráter exploratório e descritivo com os procedimentos pautados na pesquisa bibliográfica, documental e de campo que serão descritos na seção 7.

O trabalho encontra-se organizado em seções. Na primeira, faz-se esta

introdução; na segunda, mostra-se além de um breve histórico sobre a internet, o desenvolvimento da *web* e das redes sociais; a terceira seção traz os conceitos de Fonte de Informação e o surgimento das bolhas de informação. Na sequência, na quarta seção explora-se o conceito de *Fake News* e demais nomenclaturas que surgiram com o advento da *web*.

Na quinta seção demonstra-se o inquérito 4.781 do Supremo Tribunal Federal e o Projeto de Lei 2.630/2020 do Senado Federal, em tramitação no momento da produção deste trabalho, na Câmara dos Deputados e que tratam do combate as *Fake News*, além da diferença entre Liberdade de Expressão e a Censura. Já na sexta seção é abordado o papel do bibliotecário dentro desse cenário de desinformação, assim como uma análise desse profissional enquanto mediador da informação legítima. A metodologia da pesquisa será apresentada na sétima seção, trazendo na oitava seção, os resultados e discussões acerca da temática estudada. Na seção nona serão feitas as considerações finais sobre o tema apresentado.

2 INTERNET: um breve histórico

A história da *Internet* que se conhece hoje deu-se a partir de um acontecimento em outubro de 1957 na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, hoje Rússia, durante o período da Guerra Fria. O país enviou para a órbita da Terra um satélite artificial denominado *Sputnik* que emitia sinais de rádio. “O satélite [...] completava uma órbita em volta da Terra em cada 90 minutos - 1h 30 m - e emitia sinais rádio nas frequências de 20 MHz e 40 MHz que eram audíveis por qualquer pessoa que utilizasse um rádio receptor” (REPOSITORIUM, 2019, n.p.).

Em resposta a essa atividade russa o então presidente dos Estados Unidos da América – EUA, Eisenhower, desenvolveu a ARPA - *Advanced Research Project Agency* (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada). Sendo assim, e por ter sido iniciada com objetivos militares, o trabalho estava diretamente relacionado aos peritos militares norte-americanos que desenvolveram a rede durante a disputa do poder mundial com a URSS. A Força Armada dos Estados Unidos, em 1962, segundo Turner e Muñoz (2002, p. 27), “encomendou um estudo para avaliar como suas linhas de comunicação poderiam ser estruturadas de forma que permanecessem intactas ou pudessem ser recuperadas em caso de um ataque nuclear”. O apoio financeiro do governo norte americano através da pesquisa promovida pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos por meio da ARPA, foi o impulso para a implantação do sistema de informação em rede. A ideia da implantação da agência seria para desenvolver programas que vigiassem aos satélites e ao espaço aqui da Terra.

Foi um passo para a criação da *National Aeronautics & Space Administration* NASA - (Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço). O que parecia ser o fim da ARPA. Ocorre que a Universidade da Califórnia – UCLA em Santa Bárbara herdou da Força Aérea um enorme computador IBM; o Q-32. Este fato iria permitir à ARPA mudar os rumos do seu objeto de pesquisa para assim dar início aos estudos e pesquisas para a área da recém nascida Informática. Para dirigir e coordenar essa pesquisa foi contratado o psicólogo e cientista da computação, Joseph Carl Robnett Licklider.

Licklider criou então o IPTO – Information Processing Techniques Office – orientado para a comunicação interactiva e transmissão de dados. Para a comunicação rápida entre as equipas de investigadores era necessária a construção de uma rede - NET - pelo que a investigação, no âmbito da ARPA, foi orientada para a construção de redes de comunicação de dados. Em 1965 Licklider deixou a ARPA, mas a sua orientação foi continuada pelo seu sucessor Robert Taylor, também psicólogo. Dispondo de um orçamento de 19 milhões de US dollar Taylor iniciou o financiamento da primeira rede de computadores. (REPOSITORIUM, 2019, n.p.).

Pode-se dizer que a *Internet* teve seu início a partir da primeira rede de computadores interligados de forma que pudessem trocar informações entre si sem que estivessem na mesma região. Para realizar esse experimento com a rede foram escolhidas quatro Universidades que seriam conectadas na rede computacional ARPA. Eram elas a Universidade da Califórnia em Los Angeles (Centro de Desenvolvimento de “software”), o Stanford Research Institute, a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e a Universidade de Utah, todos beneficiários de contratos com a ARPA. Nascia assim, a ARPANET, que para funcionar utilizava a rede telefônica, através do sistema de circuito da mesma.

No início as atividades que se desenvolviam na comunidade virtual da ARPANET era o de troca de mensagens eletrônicas, ou correio eletrônico (e-mail). “As mensagens circulavam entre os membros da comunidade acelerando o desenvolvimento de programas utilitários que simplificavam a utilização deste instrumento nunca antes utilizado.” (REPOSITORIUM, 2019, n.p.)

A ARPANET encerra suas atividades no começo dos anos 90, e a *Internet*, que havia deixado de ser do domínio militar americano, é administrada pela *National Science Foundation* - NSF, que fica pouco tempo com a concessão. Durante os anos 80, o *Defense Communication Agency* - DCA começa a comercializar a tecnologia, custeando fabricantes de computadores e incluindo TCP/IP nos seus produtos. “Na década de 90, a maioria dos computadores domésticos já tinha o protocolo TCP/IP em suas máquinas. E em 1995, a NSFnet é encerrada, abrindo espaço para a privatização da *Internet*”. (CASTELLS, 2003, n.p.).

Fazendo uma cronologia temporária da *Internet* até chegarmos ao desenvolvimento da *WEB*, encontraremos Vannevar Bush, um engenheiro e inventor, que em 1945 em artigo publicado na revista *Atlantic Monthly* propôs o Memex que seria um aparelho com “capacidade de armazenar e acessar dados de maneira associativa, como em um projeto de automação da mente humana” (CURTY, 2008, p.54). Douglas Engelbart projetou o *On-Line System* em 1968, esse projeto seria uma versão mais atual, na época, da ideia de Vannevar Bush; em 1963 Ted Nelson publicou na *Computer Lib* a criação de um sistema chamado Xanadu, que funcionaria com hipertexto aberto e auto-evolutivo; e no começo dos anos 80, Bill Atkinson desenvolveu o sistema *HyperCard*, mas somente Tim Berners-Lee e sua *WEB* chegou tão longe (CASTELLS, 2003, n.p.). Timothy John Berners-Lee, um programador inglês, revolucionou a *Internet* ao desenvolver a *World Wide Web* (WWW). É importante destacar que ele trabalhava na

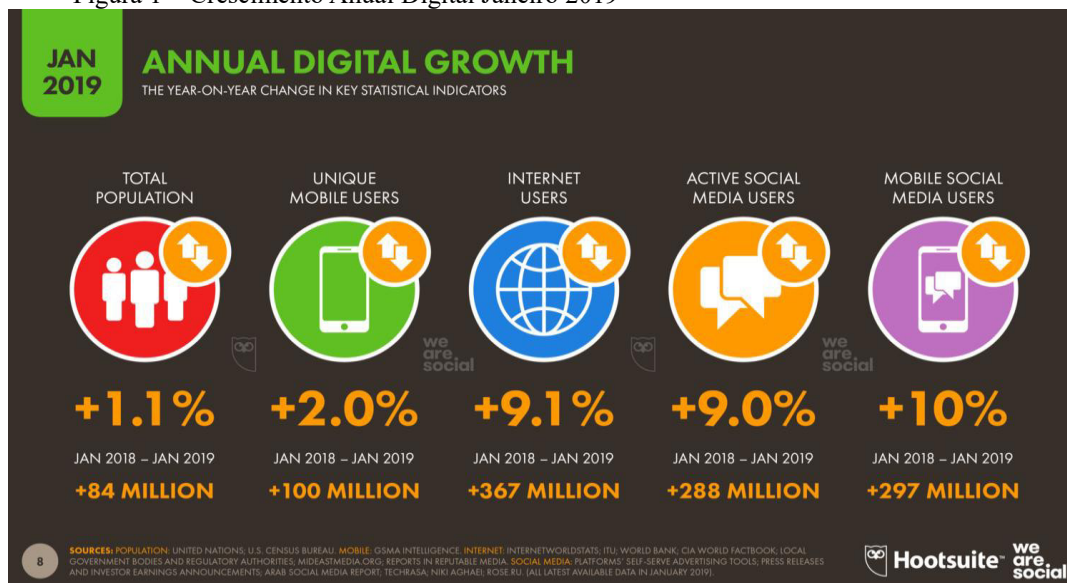
Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear CERN, localizado em Genebra na Suíça, longe do que seria o berço da *Internet*, os EUA, Berners-Lee desenvolveu o programa *Enquire*.

Teixeira e Schiel (1997, p. 9) afirmaram que “Na *Web* não existe um diretório oficial universal consolidado de endereços devido ao crescimento constante de informações sobre uma variedade de assuntos”. Observa-se que com este programa foi possível adicionar informações para qualquer computador conectado na *Internet*, através das linguagens HTTP, MTML e URI. (CASTELLS, 2003; BRIGGS; BURKE, 2004; CURTY, 2008, n.p.). A partir de então, com o avanço tecnológico dos computadores e da *Internet*, através da *Web*, pode-se afirmar que as interações pessoais tomaram grandes proporções, diminuindo o tempo e a distância com essa nova forma de se comunicar entre as pessoas.

Com a introdução da *World Wide Web*, a *Internet* se tornou um dos principais recursos de comunicação no mundo atual. Devido à *Internet*, a sociedade vem se transformando de forma dinâmica e, aparentemente, sem precedentes na nossa história. O governo, os negócios, as universidades e uma grande parte da população dos países desenvolvidos já começam a depender demasiadamente da *Internet*. Uma parte significativa dos principais recursos, antes disponíveis apenas em bibliotecas, pode ser acessado hoje de forma *on-line* na *Internet*. Máquinas de busca procuram respostas para praticamente qualquer consulta na rede. Indivíduos e empresas de pequeno porte podem ter uma exposição mundial. Mas, não se deve ter uma postura de *celebração utópica* e achar que a *Internet* veio para “... *tornar a nossa vida social melhor, mais fácil e produtiva*” (GUIMARÃES, 2008, n.p.)

A empresa de marketing digital *We Are Social* publicou uma pesquisa, a *Digital in 2019 Global Overview* (Visão Geral Digital em 2019), que mostra o número de usuários digitais no mundo por crescimento anual. Os dados foram coletados e sintetizados, conforme a própria empresa, a partir de ampla e respeitadas fontes. Enfim, a pesquisa serviu para mostrar que os usuários da *Internet* estão crescendo a uma taxa de mais de 11 novos usuários por segundo, o que resulta em mais de um milhão de novos usuários por dia. São milhões de pessoas conectadas pelo mundo todo. Vale destacar que em 2019 a *World Wide Web* completou trinta anos, e embora as atividades conectadas de muitos usuários hoje em dia ocorram através de aplicativos móveis, a *Web* ainda representa a *Internet* para a maioria das pessoas em todo o mundo. (DATAREPORTAL, 2019, online).

Figura 1 – Crescimento Anual Digital Janeiro 2019



Fonte: DataReportal (2019).

Observa-se na figura 1 os dados da *Committed to connecting the world* sugerem que demorou dezesseis anos para *Internet* alcançar seu primeiro bilhão de usuários, e apenas seis anos para alcançar dois bilhões. Os dados também sugerem que a *Internet* está crescendo a uma taxa de um bilhão de novos usuários a cada 2,7 anos. Essa taxa pode não se sustentar, pois em algum momento alguém que quiser se conectar à *Internet* poderá fazê-lo. Mas será que Tim Berners-Lee poderia imaginar que a sua pequena ferramenta útil de compartilhamento de resultados de pesquisas atingiriam quase 4,5 bilhões de pessoas em seu trigésimo aniversário? (DATAREPORTAL, 2019, online). Sobre a pergunta lançada anteriormente, o próprio criador responde:

[...] Embora a *web* tenha criado oportunidades, dado uma voz a grupos marginalizados e facilitado nossa vida cotidiana, ela também criou oportunidades para golpistas, deu voz àqueles que espalham o ódio e tornou todos os tipos de crimes mais fáceis de se cometer [...] Se desistirmos de construir uma rede melhor agora, não será a rede que terá falhado conosco, mas nós que teremos falhado com ela [...] (BERNERS-LEE, 2019, online)

Entende-se que o autor Berners-Lee continua empenhado em ver sua criação se desenvolver, mas seu descontentamento é perceptível em sua fala. E com o passar dos tempos a tecnologia só melhorou essa nova forma de compartilhamento de informação, e a ferramenta desenvolvida por ele se tornou um dos principais canais de comunicação no mundo, diminuindo as distâncias e proporcionando rapidez e mais acessos nas buscas *online*. Infelizmente foi na *Internet* que as *Fake News* encontraram a maior

“porta” para a sua propagação, e com a evolução da *Web* vieram também a evolução na maneira de produzir e compartilhar conteúdos, esses nem sempre confiáveis.

2.1 *Web*

A criação da *World Wide Web* por Tim Berners-Lee está registrado em 12 de março de 1989, a escolha desta data se deu devido a publicação do artigo que explicava a maneira fácil de acessar os arquivos da rede do CERN. Desde a sua criação a *Web* passou por várias etapas de desenvolvimento, pois a mesma precisava acompanhar a evolução das “máquinas”, dessa forma foi classificada por *Web* 1.0, 2.0, 3.0 e 4.0. Essa evolução, segundo Luce (2018), “não se deu com o declínio de uma para o surgimento da outra, houve um aprimoramento de cada uma delas a fim de coexistirem”. A *Web* 1.0, foi classificada como a primeira fase da *Internet*, se estendeu pela década de 90 e apresentou os primeiros sites corporativos e páginas estáticas. Nessa fase, a *Internet* se caracterizou como uma fonte de informação, porém não ofereceu ao usuário a possibilidade de interação e criação de conteúdo. Já a *Web* 2.0 teve como principal marco o surgimento de sites de relacionamento, que permitiu reunir usuários em comunidades. A partir deste momento, os usuários passaram a participar da produção de conteúdo.

As mudanças incorporadas à *Web* 3.0 foram ainda mais significativas. Nesta era, os aprimoramentos na organização e sistematização das informações disponíveis tornaram os resultados mais precisos. Surge, então, o conceito da *Web* Semântica, que inaugura um processo mais complexo e “interpretativo” na utilização da ferramenta. Incorporando-se a estas evoluções, a mobilidade e a possibilidade de estar presente coexistindo em todos os lugares, a *Web* 4.0. Segundo estudiosos, essa nova era funciona como um enorme sistema operacional dinâmico e inteligente, capaz de utilizar e interpretar as informações e os dados disponíveis para suportar a tomada de decisões. Isso tudo de forma automática, através de um sistema complexo de inteligência artificial. (INTERNETINNOVATION, 2019, online)

As tecnologias de informação e de comunicação (TIC) produziram uma rede extremamente complexa, a *World Wide Web* (www). Antes de tudo, é “[...] uma rede de documentos multimídia, e por consequência uma rede de informações”. Há três planos básicos de redes existentes nos dias de hoje: a rede tecnológica (mecanismos e ferramentas de informática); a rede semântica (relações, elos, estratégias, etc.); e a rede humana (interações entre pessoas) as quais influenciam os procedimentos intelectuais e as relações sociais. (MARTELETO, 2010, p. 33)

A evolução da *Internet* mudou sobremaneira as interações sociais e a forma como as pessoas se comunicam e interagem entre si. Quando os usuário se adaptam a uma nova forma de navegação na rede, surgem as novidades de utilização, essas mudanças fizeram crer que a *Internet* se tornou mais democrática e deu voz a pessoas que nunca teriam acesso, um exemplo disso são as características da *Web 2.0*, que permitiu que qualquer um pudesse ter um espaço, na forma de vídeos, blogs, sites, ou frases curtas como no *Twitter*. Ela se tornou mais eficiente e rápida através da *Web 3.0*, propagando mais conteúdo em um tempo menor e contando com a importante ajuda das redes sociais nesse processo (LUCE, 2018, p. 22).

Com a evolução da *Web* e o crescimento do número de usuários surge uma nova forma de se relacionar entre as pessoas, assim também como um novo canal para produção e publicação de conteúdo dos mais variados assuntos. Essa ferramenta de troca de mensagens se transformou no que vemos hoje em um poderoso instrumento no universo da comunicação. Essa transformação possibilitou o acesso a informações que antes eram dificultadas sobretudo pelo distanciamento físico entre o produtor de conteúdo e seu consumidor. Tornando essa interação um pouco mais democrática.

2.2 Redes sociais

Observa-se que a rede social é uma estrutura composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades sociais. Essa conexão possui vários tipos de relações, entre elas, amizade, familiar e comercial. Elas permitem a comunicação e conectam pessoas. Também são consideradas redes sociais qualquer estrutura composta por um grupo de pessoas que possuem uma relação social em comum. O trabalho, a faculdade, a igreja ou qualquer centro de cultura e lazer que o indivíduo frequente, são redes sociais. Trata-se de todo e qualquer lugar que você compartilhe valores e objetivos com outras pessoas. (IDEALMARKETING, 2019, online) Essa teoria é reforçada por Aguiar (2012, p. 52) quando aponta que o termo já existia antes da *Web*: “[...] onde tivesse um grupo de pessoas interligadas por alguma relação em comum, podia-se considerar que ali havia uma rede social”. Pode-se dizer ainda que as redes sociais existem desde os primórdios, o exemplo disto, seriam os homens da caverna quando se relacionavam para aprender a fazer o fogo e a mantê-lo aceso.

Uma rede pode ser considerada como uma representação formal de interações pessoais, e sua relação diz respeito a um conjunto de pessoas, organizações ou outras entidades sociais conectadas por relacionamentos sociais motivados pela amizade, por

relações de trabalho e compartilhamento de informações. Então por meio dessas ligações, vão constituindo e reconstruindo a estrutura social, conforme afirma Watts, (1999 apud MARTELETO; TOMAÉL, 2006, n.p.),

As redes são sistemas compostos por “nós” e conexões entre eles que, nas ciências sociais, são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações etc.) conectados por algum tipo de relação. De forma genérica, pode se estudar o sistema visando apenas a entender como ele se comporta e como as conexões influenciam esse comportamento, com aplicações na área de saúde pública (estudos epidemiológicos), de tecnologia da informação (a mesma ideia para os vírus de computador), sociologia (os movimentos sociais), economia (mercados e economias de rede) e matemática aplicada (otimização de algoritmos).

Conforme citado, toda interação em que haja relação entre os indivíduos trata-se de uma rede social. Seja ela *online* ou não. O que diferencia a rede social da mídia social, é que a segunda diz respeito a um espaço de exposição que permitem aos usuários, postagem de arquivos e informações sem um relacionamento direto com outro indivíduo. No entanto, ao divulgar um conteúdo nas mídias sociais, este permitirá, de alguma forma, a relação entre os indivíduos, difundindo mensagem de forma descentralizada, consentindo que outros usuários possam ter acesso às informações postadas. Dois exemplos de mídias sociais bem conhecidos são os blogs jornalísticos e pessoais e o *YouTube*.

O que muitos chamam de mídias sociais compreende um fenômeno complexo, que abarca o conjunto de novas tecnologias de comunicação mais participativos, mais rápidos e mais populares e as apropriações sociais que foram e que são geradas em torno dessas ferramentas. É um momento de hiperconexão em rede, onde estamos não apenas conectados, mas onde transcrevemos nossos grupos sociais e, através do suporte, geramos novas formas de circulação, filtragem e difusão dessas informações. (RECUERO 2011, p.14)

Com o surgimento da *Web* uma nova forma de interação social surgiu também, são chamadas de “interação virtual” e que segundo Ciribeli e Paiva (2011, n.p.) o anonimato que a *Web* oferece, propicia ao indivíduo a oportunidade de se relacionar e não se expor. Os autores reforçam que essa liberdade faz com que exista uma “entrega maior dos usuários”. Para entender o que seriam e como podem ser utilizadas as redes sociais, Aguiar (2012, p. 20) diz que:

As redes sociais, em geral, possuem ferramentas síncronas (chat) e assíncronas (fóruns, grupos, eventos, notas etc.); interface customizável; recursos como vídeos, fotos e imagens, e links para outras interfaces. Além disso possibilitam uma comunicação mais direta e informal, com trocas de informações entre os próprios usuários; a oportunidade de criar comunidades de interesse e perfis; a divulgação e o compartilhamento de informações, produtos e serviços, a exposição das conexões sociais de um indivíduo a

outros de uma determinada comunidade e a participação e a colaboração do público nos processos e produtos.

A comunicação é uma necessidade humana, e foi a partir da comunicação que as sociedades foram constituídas. Para Ciro Marcondes Filho (2002, p. 7), basta estar vivo para se comunicar. Ele conceitua comunicação como “o ato de transmitir e trocar signos e mensagens, referindo-se mais além à circulação de bens e pessoas”. Dito isto, recordam-se algumas formas que os indivíduos foram constituindo ao longo do tempo e das gerações, a maneira de comunicação entre si.

Foram desenvolvidos o rádio e a televisão, o que contribuiu de forma ampla a difusão e mudança na maneira de se comunicar. Então surge a *Internet*, e esse processo, o da comunicação, foi alterado efetivamente e acelerado em proporções nunca antes vistas. As tecnologias digitais trazem novas possibilidades no que se refere ao acesso, produção, difusão e troca de informações. (ARAÚJO, 2012).

No contexto da Biblioteconomia as redes sociais surgem como ferramentas novas de disseminação da informação, seja ela da produção científica ou literária. As organizações perceberam essas mudanças e sentiram a necessidade de adequarem seus serviços aos novos meios digitais. Com as unidades de informação não foi diferente, elas se viram obrigadas a adequarem seus serviços também. Pois, para que ocorra o processo de compartilhamento eficaz da informação, é importante a existência de um contexto apropriado, no que diz respeito a infraestrutura de material e a criação de um ambiente propício para atender e realizar trabalhos de forma digital.

As inovações no campo digital ocorreram rapidamente, por isso algumas empresas ainda não conseguiram adaptar-se ao cenário de exposição constante da marca. Nesse quadro, nota-se certa irresolução: as mídias sociais exigem uma postura mais humana das empresas, e os clientes por sua vez anseios resolvidos. (QUINCOSES, 2016, P.32)

Com isso, verifica-se que as redes sociais exercem um papel importante dado a facilidade do compartilhamento das informações através das mesmas. Funcionando também, como um canal essencial de comunicação entre o usuário e as unidades de informação. Di Felice (2008, n.p.) destaca “a ampliação do acesso às informações e seu incremento, o advento das mídias digitais, além de expandir tal processo, alterará a forma de comunicar, fornecendo a cada sujeito o mesmo poder de comunicação”.

Nas unidades de informação as redes sociais ganharam espaço de modo que estas se tornaram ferramentas presentes na rotina dos trabalhos dos bibliotecários, servindo como canais de busca e compartilhamento de informações, diminuindo a

distância física entre seus usuários e funcionando como um canal de comunicação mais rápido entre ambos. No entanto, o bibliotecário deve estar atento ao processo de busca do usuário para que este possa recuperar informações relevantes e legítimas aos seus questionamentos. Toda essa atividade somente será possível se a unidade de informação se empenhar nesse processo de comunicação com atenção especial ao que seja realmente verídico.

Objetivando, neste trabalho, destacar as *Fake News*, sua produção e disseminação em massa nas redes sociais, verificou-se a importância de buscar conceitos para assim contextualizar a Biblioteconomia e seu importante trabalho para o combate das informações falsas nas redes sociais, ambiente onde o assunto é amplamente divulgado. As *Fake News* ganharam grandes proporções tanto em sua criação quanto em seu compartilhamento dentro deste ambiente virtual. Vale ressaltar que as mentiras não foram inventadas pelas redes sociais, mas o crescimento delas expandiu o acesso à informação e, conseqüentemente, às *Fake News*.

Uma pesquisa do blog HOTMART.COM listou as dez redes sociais mais utilizadas no Brasil em 2019. Segue por lista com o maior número de usuários: *Facebook, Instagram, WhatsApp, YouTube, LinkedIn, Twitter, Pinterest, Tik Tok, Messenger e Snapchat*.

Durante a produção do presente trabalho, surgia no mundo uma pandemia causada pelo vírus Covid-19. Por conta do vírus todos foram obrigados a cumprir um período de quarentena em suas casas, assim como mudar seus hábitos relacionados a higiene, usar máscaras em público e manter-se distante das outras pessoas o máximo possível. Segundo os estudiosos e profissionais da saúde, enquanto não houver a vacina essas prevenções evitam que o vírus se espalhe. Esse distanciamento social fez crescer exponencialmente o uso das redes sociais como canais de comunicação. Neste momento, as redes sociais surgem como única opção de ferramenta para aproximar as pessoas, as vídeo-chamadas estão em alta! A vendas de produtos e serviços *online* se tornaram fundamentais e todos precisaram se adequar. O “novo normal” é o trabalho e aulas por vídeo chamadas. E esse breve relato é para destacar o aumento da utilização das redes sociais durante esse período de quarentena do qual cumprimos.

Infelizmente, o vírus Covide-19 também foi alvo de *Fake News*, surgiram várias publicações falsas, como remédios utilizados no tratamento e que não tinham nenhuma comprovação médica e/ou científica. Algumas dessas notícias amenizavam sobremaneira a mortalidade causada pelo vírus, causando em uma boa parcela da população um

certo descaso quanto às medidas de proteção divulgadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS.

2.2.1 Redes sociais como fontes de informação

Quem poderia imaginar, há algumas décadas, que se viveria a era da informação, e essa nova era possibilitaria receber as notícias em tempo real, com o auxílio das novas tecnologias da informação, o que acontece do outro lado do mundo consegue-se acompanhar no momento da ocorrência. Trouxe vantagens? Muitas! Dentre essas vantagens, a facilidade ao acesso de pesquisas produzidas em qualquer lugar do mundo, por exemplo. Entretanto, a quantidade de informações postadas diariamente nas redes sociais, nem sempre são confiáveis e verdadeiras, exige do indivíduo atenção e capacidade para saber filtrar toda essa informação. É importante que os usuários, durante as buscas, tenham discernimento para saber interpretar a leitura da notícia recebida através das redes. Essa postura tão exigida, pode-se chamar de educação midiática, e diz respeito a tudo que está postado nas redes. E sobre a expressão “Educação Midiática”, destaca-se o seguinte conceito:

A Educação midiática ou alfabetização mediática é um repertório de competências que permite às pessoas analisar, avaliar e criar mensagens e assim interagir na sociedade utilizando uma ampla variedade de plataformas de mídia, gêneros e formatos. [...] também pode ser vista como o conjunto de habilidades necessárias para entender e saber utilizar para quem deseja se tornar capaz de participar de forma ativa e consciente na sociedade midiática, ou seja a sociedade em que os meios de comunicação exercem um papel central. (COMUNDOS, 2019, online)

O que não pode nunca ser deixado de lado é a análise da qualidade da Fonte de Informação utilizada. Verificou-se que com a chegada das redes sociais, como *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, de sites de vídeos, a exemplo do *YouTube*, além de milhares de blogs e sites, a *Web* vem sendo elevada para uma grande relevância na circulação de informação. Essas ferramentas deram autonomia e de certa forma, empoderamento para a produção e disseminação da informação para todos os seus usuários.

Uma pesquisa realizada pela Câmara de Deputados e pelo Senado, que ouviu 2.400 pessoas com acesso à internet em todos os estados e no Distrito Federal, através de entrevistas realizadas por telefone no mês de outubro de 2019, mostrou o *WhatsApp* como principal fonte de informação dos entrevistados: 79% disseram receber notícias sempre pelas redes sociais. O ambiente possui mais de 136 milhões de usuários no Brasil, sendo a plataforma mais popular juntamente com o *Facebook*. Depois do *What-*

sapp, outras fontes foram citadas, mostrando que além das redes sociais outros veículos tradicionais surgem na lista dos locais onde os brasileiros buscam se atualizar sobre notícias dos mais variados assuntos. Em algumas respostas surgiram a televisão 50%, o *YouTube* 49%, o *Facebook* 44%, sites de notícias 38%, a rede social *Instagram* 30% e emissoras de rádio 22%. O jornal impresso também foi citado por 8% dos participantes e o *Twitter*, por 7%. Já no caso da televisão, o percentual foi maior entre os mais velhos: 67% dos consultados com mais de 60 anos disseram se informar sempre por esse meio, em contraste com 40% na faixa entre 16 a 29 anos. O *YouTube* apareceu como mais popular entre os mais jovens. Os que afirmaram ver vídeos sempre na plataforma chegaram a 55% na faixa de 16 a 29 anos, contra 31% entre os com 60 anos ou mais. No caso do *Instagram*, a diferença é ainda maior. Entre os jovens, 41% relataram buscar informações sempre na rede social. Já na faixa dos 60 anos ou mais, o índice caiu para apenas 9%. A pesquisa também avaliou os hábitos dos entrevistados nas redes sociais. O tipo de ação mais comum foi a curtida de publicações, ato realizado sempre por 41% dos participantes da pesquisa. Em seguida, vieram compartilhamento de posts 20%, publicar conteúdos 19% e comentar mensagens de outros 15%. A pesquisa mostra ainda que oito em cada dez pessoas relataram ter encontrado notícias falsas nas redes sociais. Do total, 17% afirmam nunca terem encontrado esse tipo de conteúdo. Além disso, a pesquisa mostra que metade dos internautas consideram fácil identificar uma notícia falsa e 77% acham que a internet dá mais visibilidade para esses conteúdos. Além disso, apenas 34% dos entrevistados acham as redes sociais uma fonte confiável. (AGENCIA BRASIL, 2019, online)

Vale lembrar que o conteúdo compartilhado pelos “amigos virtuais” é filtrado por um algoritmo. Sendo assim, nem tudo postado aparece nos *feeds* de notícias ou *timeline* das páginas pessoais. Isso se deve ao fato de que, com a quantidade de contatos que se pode ter em uma rede social, se todo o texto, fotos, vídeos, *links*, notícias, memes, informação e comentários fossem visualizados, um caos seria criado nas relações virtuais. (BRANCO, 2017)

Esses usuários ou navegadores *online* buscam as mais variadas notícias e informações. E de que maneira essas informações chegam aos usuários? Eli Pariser, citado por Branco (2017) em seu artigo, diz que há três itens relevantes e que determinam o que é mostrado nos *feeds* de notícias, quais sejam, o primeiro tem a ver com a afinidade, quanto mais próxima a amizade com alguém – o que é determinado pelo tempo que o usuário passa interagindo com uma pessoa e acessando seu perfil – maior será a proba-

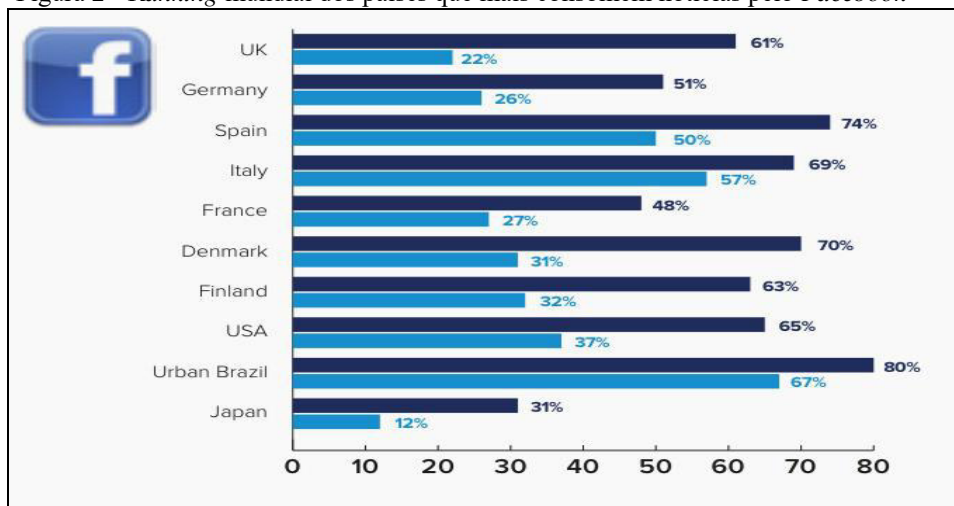
bilidade de que, o *Facebook* por exemplo, mostre as atualizações desse amigo virtual; o segundo diz respeito ao peso relativo de cada tipo de conteúdo, um exemplo, seria a mudança no *status* de relacionamento, as pessoas gostam de saber quem está namorando quem; e o terceiro e último, o tempo, pois os itens mais recentes têm peso maior do que as postagens mais antigas. Com estas falas o autor faz uma reflexão sobre como surgem os filtros-bolhas, que nada mais são do que a personificação dos conteúdos das redes sociais.

A importância em destacar esse tema tem a ver com o fato de que as informações recebidas *online* estão diretamente ligadas aos assuntos mais buscados pelos usuários. Um tipo de personalização da navegação. Magrani, 2014, definiu os filtros bolhas “como um conjunto de dados gerados por todos os mecanismos algoritmos utilizados para fazer uma edição invisível voltada à customização da navegação *online*, feita por determinadas empresas como o Google, através de seus mecanismos de buscas”. A navegação será o reflexo perfeito dos interesses e desejos dos usuários, dando aquilo que mais os usuários gostam: eles mesmos (PARISER, 2011 *apud* BRANCO, 2017, p. 52). Aqui entendido como, a informação pelo usuário buscada e conseqüentemente recebida, trata apenas daquilo que o usuário quer ler e está diretamente relacionada às suas convicções políticas, sociais e religiosas, por exemplo.

Enquanto profissionais da informação, é necessário estar atento quanto a qualidade do tipo de notícia e informação que são produzidas nesse meio virtual, campo aberto e muitas vezes minado, visto que qualquer pessoa pode produzir e compartilhar informação. O bibliotecário deve orientar seus usuários para os riscos que podem correr ao receber e ou compartilhar informações de um desses canais. Essa seria a postura mais eficiente diante do fato de que com tanta divulgação de notícias falsas no meio virtual, fica claro que identificá-las e extrair delas o que é verídico, se tornou hoje em dia, uma tarefa árdua, sendo necessário educar o indivíduo para receptividade e entendimento crítico das informações que recebe. (QUESSADA; PISA, 2018, p. 2)

A figura 2, foi produzida pela Quartz – agência norte-americana que divulga notícias sobre a nova economia global – ela mostra o *ranking* mundial dos países que mais consomem notícias por meio do *Facebook*. O Brasil aparece em primeiro lugar, com 67% de sua população buscando informação, prioritariamente, na rede social. O país também ocupa a liderança na utilização do *Facebook* para fins diversos, com 80%. (JÚNIOR, 2015, online)

Figura 2 - Ranking mundial dos países que mais consomem notícias pelo Facebook



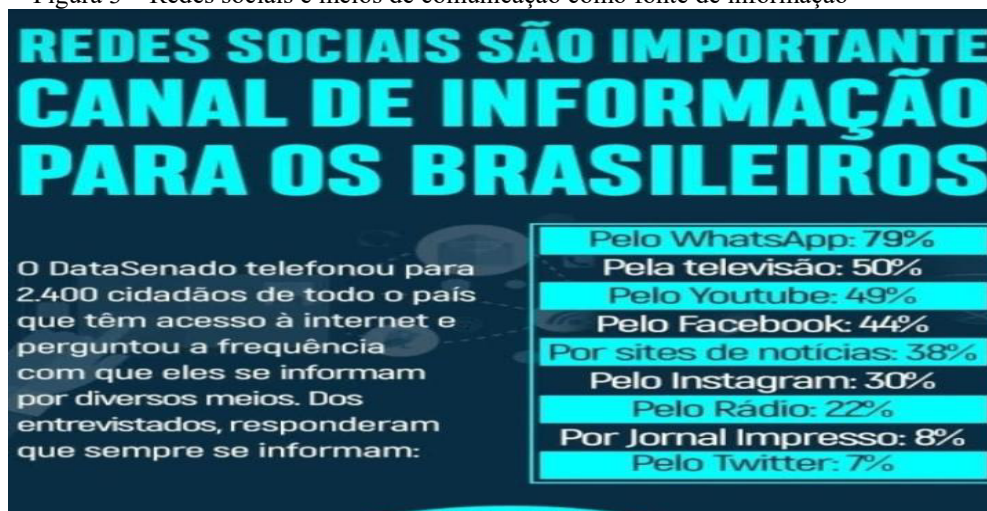
FONTE: Quartz (2015).

Em novembro de 2019, o Instituto DataSenado divulgou uma pesquisa de opinião, que mostrou como resultado a influência crescente das redes sociais como fonte de informação para os eleitores do país. O resultado foi capaz de explicar em parte, as escolhas dos cidadãos nas eleições de 2018.

Foram entrevistados também 2.400 cidadãos que têm acesso à internet, em todas as unidades da federação, por meio de ligações para telefones fixos e móveis, no período de 17 a 31 de outubro do mesmo ano da divulgação dos resultados. Quase metade dos entrevistados 45% afirmaram ter decidido o voto levando em consideração informações vistas em alguma rede social. A pesquisa serviu para mostrar que a principal fonte de informação do brasileiro hoje é o aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*. Das pessoas entrevistadas, 79% disseram sempre utilizar essa rede social para se informar. Os dados são da pesquisa nacional Redes Sociais, Notícias Falsas e Privacidade na *Internet*, realizada pelo DataSenado em parceria com as Ouvidorias da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. O estudo também abordou a privacidade de dados na internet e o comportamento dos brasileiros em relação às notícias falsas, indicando que 80% de pessoas no país acreditam que os conteúdos publicados nas redes sociais são confiáveis. Vale lembrar que o percentual varia conforme a escolaridade. Os que têm o ensino fundamental são de 76% e os que têm ensino superior chegam a 90%. Quanto a frequência de uso das redes sociais como fonte de informação e outros meios de comunicação (Figura 3), o resultado surgiu assim, 79% dos entrevistados responderam que sempre utilizam o *WhatsApp*, enquanto 50% indicaram que sempre recorrem à televisão

e 49% sempre se informam pelo *YouTube*, como pode ser visto na figura 3. (SENADO FEDERAL, 2019).

Figura 3 – Redes sociais e meios de comunicação como fonte de informação



Fonte: Instituto DataSenado (2019).

Vale destacar que quanto mais alta a faixa de idade, maior o percentual de entrevistados que responderam que utilizam sempre a televisão como fonte de informação. Já para o *Instagram* e *YouTube*, o padrão é inverso, quanto mais baixa a faixa de idade, maior o percentual de entrevistados que disseram utilizar sempre essas redes sociais como fonte de informação. (SENADO FEDERAL, 2019).

3 FONTES DE INFORMAÇÃO

Enquanto estudante do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão que em sua grade curricular oferta a disciplina Fontes de Informação, aprende-se, além do conceito do que seja uma fonte de informação e seus vários formatos, o importante papel desta ferramenta e seus critérios no auxílio aos usuários.

As Fontes de Informação são os meios utilizados para resolver problemas informacionais estabelecidos pelo esforço de converter as necessidades em resultados práticos através das diversas formas de conhecimento. (CATIVO, 2012)

Essas fontes de informação irão variar de estrutura, natureza e conteúdo, influenciadas no processo de uso de forma otimizada. Para Cunha (2001), as fontes de informação ou documentos podem abranger manuscritos e publicações impressas, além de objetos, como amostras minerais, obras de arte ou peças museológicas, podendo ser divididas em três categorias: documentos de fontes primárias, documentos de fontes secundárias e documentos de fontes terciárias. Para Pacheco e Valentim (2010, p. 334), a categorização das fontes de informação permite compreender a dimensão de cada uma diante de sua função, ou seja, as fontes primárias exprimem a interferência direta do autor; as fontes secundárias facilitam o uso do conhecimento das fontes primárias, uma vez que existe um tratamento diferenciado para elas de acordo com sua função e arranjo; e as fontes terciárias possibilitam que as fontes primárias e secundárias sejam encontradas.

Sendo assim, fonte de informação pode ser descrita como qualquer meio que responda a uma necessidade de informação por parte de quem necessita, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, meios digitais, sites e portais. (BLATTMANN; RODRIGUE, 2014, n.p.).

No que tange ao aumento do número de usuários, serviços e acessos à *Internet*, o ambiente digital torna-se uma indispensável fonte de informação. Desta forma, Brum e Barbosa (2009, p. 60) dividem as fontes de informação na *Internet* em diversos setores, quais sejam: listas de discussão, correio eletrônico (*e-mail*), informativos via correios eletrônico (*newsletter*), informativos comerciais via correio eletrônico (*e-mail marketing*), salas de bate-papo virtual (*chat*), mensageiros instantâneos (*instant messengers*), sítios de busca ou ferramentas de busca, intranets, extranets, e os próprios sítios disponíveis na *Web*. Nas questões que envolvem as percepções de qualidade das fontes de informação, Tomaél *et al.* (2004) definem dez critérios de qualidade para avaliar as fontes de informação na *Internet*: informações de identificação, consistência das informa-

ções, confiabilidade das informações, adequação da fonte, *links* internos, *links* externos, facilidade de uso, *layout* da fonte, restrições percebidas e suporte ao usuário.

Dentre os problemas que envolvem a qualidade da informação, segundo Eppler (2006), cita-se a sobrecarga de informação, erro de julgamento de informações, interpretação errada da informação e uso indevido de informação, tão presentes nas redes sociais atualmente. A informação recebida através das redes sociais, na sua maioria, vem resumida ou “rasas” demais, e para o usuário, que não possui o hábito da leitura em sua vida, essa situação se torna um “prato cheio”. Para alguns leitores não é perceptível a solidez da informação recebida, não existe preocupação em verificar se a fonte é realmente confiável ou se mesmo a informação é verdadeira. E para tanto, deverá haver entre outras perspectivas, o hábito de leituras mais profundas.

A elaboração de uma política de análise das informações recebidas se mostra importante para o usuário enquanto sujeito consumidor de informações, uma vez que o comportamento, segundo Batchelor (2017, p. 144) é o de “quando confrontados com uma peça indesejável de informação, os indivíduos podem adotar uma postura cética para servir aos seus próprios propósitos.” Em outras palavras, pode-se somente negar as informações que não gosta, para fugir da responsabilidade.

Segundo Almeida e Sales (2007, p. 72),

Em se tratando de busca de informação, não se pode deixar de mencionar a importância irrefutável das fontes de informação que, com o advento da *Internet*, se tornaram imensurável. É devido a esse grande número de fontes de informação disponíveis na Rede, que se tornou imprescindível a elaboração de critérios que avaliem a qualidade das fontes.

Sergio Branco, cofundador e diretor do ITS Rio (Empresa de Tecnologia) e Doutor em Direito Civil pela Universidade do Rio de Janeiro, abordou em seu artigo *Fake News* e os Caminhos para Fora da Bolha, entre outras questões das problemáticas da informação em meios virtuais, a expressão “bolha social” ou “bolha informacional”, que nada mais é quando “[...]o usuário segue recebendo indefinidamente conteúdo postado por aqueles seus amigos e conhecidos com quem já detém afinidade ideológica”. (BRANCO, 2017)

Ainda sobre bolhas informacionais o site Educamídia.org.br, conceitua da seguinte forma:

Ambiente, especialmente *online*, em que as pessoas são expostas apenas a informações e opiniões que confirmam aquilo em que já acreditavam. A bolha informacional é um viés construído pelos algoritmos a partir de nossos hábitos e pesquisas na internet. (EDUCAMÍDIA, 2019, online).

Geralmente os grupos de amizades são formados por aqueles com quem se possuem afinidades, sejam elas ideologias políticas, religiosas, culturais e sociais. Os contatos mais íntimos ocorrem com quem no mínimo, possuem os mesmos valores e ideais dos quais é formado um indivíduo. Dos contatos com quem pensa diferente, geralmente saem vários embates. Isso não é muito diferente das escolhas das leituras, de certa forma, trata-se de uma zona de conforto intelectual. Traduzindo aqui para: O usuário gosta de lê e compartilhar exatamente aqueles textos que falam sobre o que pensa e acredita ser a sua própria verdade. Dentro do ambiente *online*, é necessário que o usuário saiba também buscar variadas fontes de informação, fora de uma bolha de informação que as redes sociais acabam por criar, através das relações e dos interesses dos usuários dentro destas. Segundo Fava (2013, p. 9), um usuário que está inserido em uma bolha de informação “tem contato com informações muito semelhantes às suas próprias opiniões”, dificultando a busca de novas fontes de informações e seu potencial de desenvolvimento informacional. Ireland (2018, p. 5) argumenta que “o viés é parte natural da vida humana, e o único modo de combater isso é reconhecendo esse viés e identificando-o quando possível”. Ler e interpretar são habilidades importantes na construção do usuário leitor/crítico.

3.1 Fontes de informação na *web*

Com o advento da *Internet* o conceito básico de fonte de informação tornou-se mais amplo e elaborado, pois com ela surgiram novas formas de comunicação. Exemplos disso é quando o presidente Jair Bolsonaro usa sua conta pessoal do *Twitter* para anunciar algo relevante para os brasileiros, quando alguém pergunta algo para seus amigos usando os *stories* do *Instagram* ou quando recebe um vídeo em um grupo de *WhatsApp*. Em todos eles recebem-se informação, a única diferença está nos canais e no formato da mesma. Hoje em dia as fontes de informações mais utilizadas na *Web* são as redes sociais. E a capacidade que a *Internet* tem em alcançar o público fez com que as mídias tradicionais migrassem para as redes também. Os riscos estão na facilidade de produzir e disseminar informações, pois é necessário colocar-se em confronto com a veracidade apresentada por elas. Tomáel (2000) ressaltou que é importante ter-se uma visão mais cuidadosa, separando o tipo de fonte que está sendo utilizado.

As redes sociais tornam essa averiguação mais difícil por se tratar de fontes pessoais. É nesse contexto que se torna fundamental o papel do bibliotecário, como gerenciador de publicações nos meios eletrônicos e principalmente o de educador. (DIAS; PIRES, 2005).

A natureza volátil da informação em meio eletrônico transformou e reinventou o papel do bibliotecário, que ganhou novas atribuições, trabalhando com bases de dados e repositórios digitais. E quando se refere a *Web* e Redes Sociais a produção não segue um padrão, e com isso, dificultam o trabalho do mesmo. (LUCE, 2018, p 46).

“Além de reunir em uma única mídia os vários formatos que a precedem, a *Internet* contém as ferramentas necessárias para encontrar as informações disponíveis em si mesmas”. (GUIMARÃES, 2008, p. 173). O que se aborda aqui é a tarefa difícil, mas nada impossível, que o profissional que trabalha com a informação tem para localizar, organizar e disponibilizar todo esse material publicado na *Internet*, sobretudo nas Redes Sociais.

A facilidade para publicar chegou para todos, basta um computador, celular ou qualquer outro dispositivo que conecte o usuário à *Internet*. Mas, e essas publicações são interessantes para quem? Quem são seus consumidores? A resposta é, entre outros fatores, a necessidade do usuário no momento da busca da informação ligada ao seu interesse. É importante destacar que, quando esse interesse passa a ser um fator determinante e que se não trabalhado de forma correta poderá gerar limitações na construção do conhecimento do usuário das redes.

3.2 Bolhas de informação ou bolhas sociais

A bolha limita a diversidade intelectual do usuário, já que ele segue recebendo indefinidamente conteúdos de seu meio social virtual e com quem já detém afinidade ideológica. O que seria de certa forma, entendido como proteção contra críticas e opiniões contrárias as suas próprias ideologias. E isso é um risco, pois pode limitar o recebimento de informações de qualidade. Além do que, essa interação *online* permite ao usuário deixar de seguir ou até mesmo bloquear quem quer que discorde, não curta ou não compartilhe suas publicações. Esse tipo de atitude segrega por demasia a informação e a comunicação entre os usuários criando uma bolha particular de informação para cada um, fazendo com que de certa maneira o usuário também seja responsável por ela.

Uma bolha de informação (ou bolha informacional) é um ambiente online em que as pessoas são expostas apenas a informações e opiniões que confirmam tudo aquilo em que elas já acreditavam. As bolhas são fundamentais para a polarização política, pois reforçam crenças e valores e eliminam o contato com o diferente e a diversidade. É preciso lembrar também do papel dos algoritmos nisso: a partir de nossos hábitos na internet, eles nos mostram somente aquilo que acham que combinam com nossos gostos, comportamentos e posicionamentos. (EDUCAMÍDIA, 2019, online).

As pessoas fazem escolhas sobre com quem querem interagir pessoalmente, quando vivenciam as relações familiares, de amizade e de romance, e essa atitude não seria diferente na hora de selecionar as informações também. Toda intimidade passa por inúmeros filtros, as pessoas entendem que serão mais serenas e felizes em poder e não querer interagir com alguém chato e que não compartilhe dos mesmos anseios que eles próprios. Sobre isso, Branco (2017, P. 54) diz que:

Não é só de amenidades que o mundo vive. O problema mais alarmante que se põe hoje é de outra ordem. Trata-se, mais amplamente, de compreensão do mundo. Não apenas da matéria de que ele é feito, mas também das engrenagens que o regem. Trata-se de discutir políticas públicas, cultura, direito, moral, arte, regulação, ética, tudo aquilo de que precisamos para criar coletivamente um mundo melhor. E é justamente neste particular que nosso uso da internet [...] está falhando de modo miserável.

A revolução tecnológica surgiu por meio da *Internet*, navegar nas redes diminuiu as distâncias, tornou a comunicação mais rápida, facilitou o acesso a livros e documentos, fez com que novos modelos de negócio surgissem além de democratizar o caminho da liberdade de expressão. (Branco, 2017, p. 55). Ponto extremamente importante, e que será falado na seção 5, *Fake News*, Liberdade de Expressão e Censura.

Informação é poder! Esta expressão era utilizada, vez ou outra, durante as aulas da universidade. E durante muito tempo somente os mais poderosos a detinham!

[...] A réplica e a distribuição de livros, música e filmes dependiam de editoras, gravadoras e produtoras. Os equipamentos para a produção do conteúdo cultural eram de custo elevado e de difícil manuseio. Contudo, a apropriação dos meios tecnológicos pelas camadas mais baixas da população, a partir do início dos anos 2000, permitiu que pessoas comuns começassem a contar suas próprias histórias, muitas vezes competindo de igual para igual com o mercado tradicional consolidado. (BRANCO, 2017, p. 55)

Pelo viés da produção cultural, a *Internet* proporcionou maior liberdade de criação de conteúdo, sem a necessidade de intermediários. Mas vale ressaltar, que mesmo os meios de comunicação mais tradicionais, como publicações impressas e canais de televisão, passaram a incorporar com cada vez mais frequência material produzido por quem, pode-se chamar, pessoas comuns. (BRANCO, 2017, p. 55). Mas em nenhuma outra plataforma a liberdade de se expressar ocorre com mais frequência do que nas redes sociais. Não por acaso o *Youtube* ajudou a lançar várias celebridades que hoje fazem sucesso pelo país. Nesta lista cabem, músicos, comediantes e artistas das mais variadas vertentes culturais. Esse sucesso se deu graças ao alcance propiciado pela *Internet* que diminuiu a distância entre quem produzia os conteúdos e os usuários consumidores.

O filtro que existe na *Internet* no que diz respeito a criação e divulgação de conteúdos está muito mais ligada a produção científica.

Nos *sites* de jornais e revistas ou em portais de mídia, onde há uma editoria de conteúdo, existe a equipe responsável que faz a seleção daquilo que será publicado. Já nas redes sociais, o conteúdo é validado a partir da vontade do usuário. Foi exatamente nesse ponto que a *Internet*, infelizmente, tomou um rumo desgovernado e sem direção. A promessa, quando da criação da *Internet* comercial, era a de se tornar “um grande espaço de discussão pública”. (BRANCO, 2017, p. 56)

Figura 4: Tirinhas



Fonte: Instagram @umsabadoqualquer (2020).

A ideia de espaço de debate público é o de que todos, sem exceção, e as vezes sem possuir conhecimento técnico sobre determinado assunto publicado nas redes estão prontos a opinar. E não se fala apenas em, concordar ou não com o assunto e sim em dar palpites mesmo tendo nenhum ou pouco conhecimento sobre o assunto tratado. (ver figura 4). Um exemplo, pode-se citar a Operação Lava-Jato ou detalhes financeiros sobre as pedaladas fiscais, fator determinante para o pedido de *Impeachment* da presidente Dilma Roussef em dezembro de 2016. A percepção que se teve foi, de uma hora para outra, a população estava pronta a opinar.

De repente a frase de efeito, “Política não se discute!”, virou lenda na internet! Quem por tanto tempo foi tido como pouco interessado em política, de repente se tornou jurista, cientista político, sociólogo e economista. Esse interesse oposto e repentino não é de todo ruim. De fato, deve ser louvado e incentivado (BRANCO, 2017, p. 56). Mas

há de se ter cautela. Nem todos que escrevem são especialistas daquilo que falam. O curador da informação nesse caso acaba sendo o próprio usuário.

Percebe-se que é preciso que haja espaço para os dois lados da discussão, se houve uma sobrecarga na produção da informação, onde todos podem falar, a democratização dos meios de comunicação não pode ser num todo condenada. Pelo contrário, a *Internet* possibilita um espaço de publicação para todos, seria isso uma de suas maiores virtudes. Vale lembrar, que durante muito tempo a atribuição do papel de decisão do que poderia ser publicado era das grandes mídias tradicionais. Essa liberdade para publicar tornou possível que alguns bons produtores de conteúdos também pudessem ter grande alcance de público. O modelo antigo de somente dar voz a quem detêm o poder, não pode e nem deve ser repetido, seria como estabelecer a censura sob a qual a sociedade estava acostumada a viver. Nesse caso é importante encontrar o equilíbrio na ideia do uso da *Internet*, pois como foi dito anteriormente, o usuário passa a ser a única ferramenta no controle das postagens, determinando aquilo que lê e, sobretudo compartilha. As características das publicações são formadas pela junção de ideologias, informações imprecisas, facilidade de divulgação do conteúdo e às vezes maldade pura, tornando o cenário comprometido negativamente para o debate público.

As publicações na rede, em sua maioria, mostram que as pessoas estão mais preocupadas em ter razão, nem que para isso tenham que mentir. Essa postura é facilitada pelo anonimato que a *Internet* proporciona ao usuário. A dificuldade em ser reconhecido faz com que o usuário acredite que não terá que prestar contas daquilo que publica. Isso tudo somado ao fato de que qualquer comentário que entre em desacordo ou até mesmo que traga informações que podem derrubar suas falas, o usuário poderá apagá-lo e em alguns casos bloquear um contato indesejado. Dessa interação, de somente curtir e compartilhar informações com quem pensa igual faz com que o algoritmo se empenhe em aproximar os iguais em ideologias. Criando dessa forma as bolhas virtuais das redes sociais.

[...] é a partir de escolhas dos usuários, mescladas a regras algorítmicas pouco claras, que o debate democrático encontra seus maiores obstáculos para consolidação na grande ágora que poderia ser a internet. Como o empenho maior parece ser quase sempre reforçar seus próprios argumentos, em vez de compreender os argumentos alheios, no mais das vezes sempre que a bolha pode ser potencialmente perfurada por um outsider, nós nos deparamos com ataques pessoais, informações falsas ou distorcidas, cinismo, deboche e toda sorte de manipulação linguística. Um diálogo de boa vontade é bastante raro.[...] Eli Pariser joga luz para o prejuízo democrático gerado pela filtragem invisível que nos coloca em uma bolha onde tudo agrada, tudo faz sentido, tudo está de acordo com os nossos pontos de vista e realidades. Esses mecanismos, cada vez mais sofisticados, passam a oferecer e sujeitar os usuários

apenas a informações com as quais concordam, privando-os de vozes dissonantes. (BRANCO, 2017, p. 57).

Uma vez que as publicações ficam muitas vezes restritas a uma mesma rede de pessoas com interesses comuns a concepção de que a *Internet* permite que as discussões possuam força suficiente para chegar a diferentes segmentos e a grupos de interesse diversos talvez não seja uma realidade. O resultado disso é a fragmentação e polarização do debate. Ou seja, não há debate propriamente dito. (BRANCO, 2017, p. 57). A este movimento contrário a discussão pública foi adicionada a propagação de *Fake News*, que encontrou no ambiente digital o habitat perfeito para sua propagação.

Foi visto o quão nocivo o ambiente virtual pode tornar-se, e quando se destacam as bolhas fica fácil verificar que o que vale na hora da busca é somente aquilo que o usuário gostaria de lê. Suas convicções políticas, religiosas, por exemplo, exercem um peso importante nas decisões de suas buscas por informação e compartilhamento das mesmas.

4 FAKE NEWS

O termo *Fake News* refere-se a uma palavra de origem inglesa que se tornou popular em todo o mundo para determinar informações falsas que são publicadas, sobretudo, em redes sociais. São notícias falsas que parecem verdadeiras, E seria, conforme Rais (2017, n.p.) “[...] uma mentira revestida de artifícios que lhe conferem aparência de verdade.” É importante destacar que as mentiras existem junto com a humanidade e que fazem parte da construção de toda e qualquer sociedade, elas sempre foram contadas. Sua ocorrência vai desde uma história de pescador até fatos mais sérios e relevantes.

O termo ganhou bastante força em 2016, durante a eleição presidencial dos Estados Unidos da América - EUA, na época conteúdos falsos foram compartilhados de forma intensa sobre a candidata Hillary Clinton nas redes sociais pelos eleitores de Donald Trump.

As *Fake News* se espalham mais rápido e atingem mais pessoas nas redes sociais do que as notícias verdadeiras. Esse fato foi constatado através de uma pesquisa publicada no início de 2018 pela revista científica *Science*, a pesquisa revelou que a velocidade é ainda maior quando o assunto é sobre política, fato constatado nas eleições de 2018 para presidente aqui no Brasil também. Exemplo disso foi a divulgação, através das redes sociais de eleitores do presidente Bolsonaro, na época do PL – Partido Liberal, a respeito da distribuição de mamadeiras em formato de órgãos masculinos, nas escolas, pelo PT – Partido dos Trabalhadores.

Um estudo, realizado por pesquisadores do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), dos Estados Unidos, mostrou que o principal responsável pela disseminação das *Fake News*, não são os robôs, *softwares* programados para enviar, curtir e compartilhar *posts* nas redes sociais, e nem o *social media cyborgs*, que são os grupos que deliberadamente criam milhares de contas em redes sociais e passam a propagar opiniões sobre os diversos temas sem base técnica ou intelectual alguma. O resultado mostrou que os verdadeiros culpados são as pessoas, o usuário, aquele que faz circular em um grupo de familiares e amigos uma notícia que leu e não verificou a origem, que leu e não checkou, que não leu ou sequer conferiu o título e, mesmo assim, curtiu e compartilhou. (GOMES, 2018).

Acredita-se que o poder de persuasão das *Fake News* é maior em populações com menor escolaridade e que utilizam as redes sociais para buscar informações. Porém, as notícias falsas também podem alcançar pessoas com maior grau de instrução, já que o

conteúdo está frequentemente ligado às informações sobre política e geralmente é compartilhado a partir da ideia de que fala justamente aquilo que pensa o usuário que a disseminou.

Rais (2017, n.p.) falou sobre as *Fake News* o seguinte: “[...] não é uma novidade na sociedade, mas a escala em que pode ser produzida e difundida é que a eleva em nova categoria, poluindo e colocando em xeque todas as demais notícias [...]”. Araujo (2016, p.1) também reforça esta ideia: “[...] esse não é um problema novo. *Fake News* são tão antigas quanto os próprios meios para comunicação de massa”. A relevância do problema atualmente se dá devido a facilidade de criação e propagação delas, e isso em grande parte ocorre graças as redes sociais.

Sobre a questão do compartilhamento das *Fake News* em rápida e larga escala pode-se entender da seguinte forma, as mensagens compartilhadas nas redes, como dito anteriormente, contam com a “lógica própria na semântica dos algoritmos, aproveitando-se da bolha onde o usuário se encontra” (BRANCO, 2017, p. 60). Um exemplo quase hipotético dessa afirmação seria a seguinte: “O usuário **A** é a favor do político **X**, que está na presidência do País. Diariamente, **A** expressa sua opinião usando *hashtags* como **#fechadocomX** ou **#Xtemrazão**. Diversos robôs controlando perfis falsos são programados para fazer uma varredura nas redes sociais em busca de usuários que utilizam as *hashtags* mencionadas. Após a identificação, os *bots*, como os robôs também são chamados, executam sua programação, enviando e publicando mensagens falsas sobre instituições ou grandes personalidades públicas e ou políticas que são contrários ao político **X**. O usuário então passa a compartilhar essas informações com seus amigos. Fazendo com que a grande bolha esteja sempre ativa. ”

O alastramento de uma informação falsa está no “viés da confirmação”, essa expressão é de origem psicanalítica, uma vez que a pessoa que está disposta a compartilhar uma *Fake News* vê nela a corroboração de sua crença, de sua opinião, da confirmação de sua certeza. A cura para esse mal, o de compartilhar notícias falsas, não está no controle ou na criação de novas leis, mas nas mãos de quem utiliza as redes sociais. Uma regra é elementar: verificar a fonte de informação e compará-las em sites de verificação e de notícias conhecidos. (GOMES, 2018, n.p.).

Convém destacar que por trás dos cliques em cada notícia falsa seus criadores conseguem arrecadar somas nada desprezíveis. Em fevereiro de 2017, A Folha de S. Paulo publicou uma matéria acerca do assunto. Segundo a reportagem, “profissionais do mercado publicitário”, estimaram que os anúncios em sites rendam de R\$ 100 mil a

R\$ 150 mil por mês, dos quais até 50% ficariam com o intermediário e o restante com o dono do site. Isso mostra que se trata de um negócio lucrativo sim e ajuda a explicar uma parte desse fenômeno. A essa altura as *Fake News* já haviam atingido níveis absurdos de compartilhamentos colocando-as no centro dos debates públicos. (BRANCO, 2017, p. 60). Fica claro que publicar e compartilhar notícias falsas, além de servir para divulgar algumas ideologias criminosas, como racismo ou preconceito, é uma indústria que gera lucro aos seus sites propagadores. Nesse ponto, o que se observa é o que está por trás das *Fake News* são indústrias que geram lucros a cada curtida e compartilhamento das mesmas.

Figura 5 – Oito passos para identificar uma *fake news* (IFLA)



Fonte: Instagram @santabiblioteconomia (2020).

Observa-se na figura 5 os oito passos para identificar as *Fake News*, são uma das muitas iniciativas no combate às *Fake News*, há de se pensar em trabalhos que envolveriam a educação através de planejamentos para desenvolver a leitura nas salas de aula e unidades de informação, o primeiro passo seria reconhecer e distinguir com mais clareza as informações falsas que circulam na *Internet*, junte a isso, ferramentas que ajudam no desenvolvimento da interpretação da leitura. As escolas e universidades

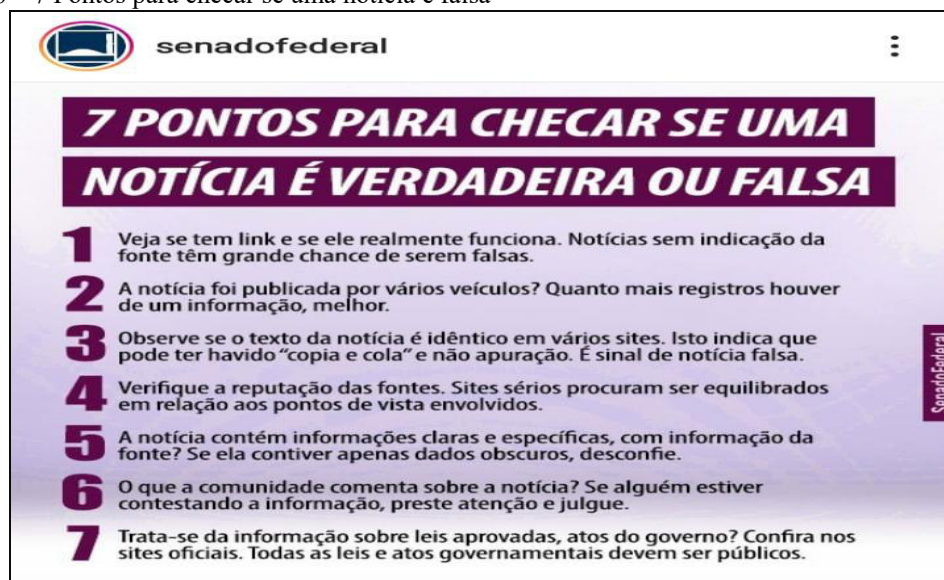
precisam tornar habitual a discussão do tema *Fake News* com seus alunos. E nesse momento chama-se a atenção para as bibliotecas e todos os demais centros que trabalham com informação e com eles os profissionais correspondentes, para que juntos criem projetos que trabalhem os conceitos e combatam as mentiras publicadas *online*.

Torna-se necessário discutir a responsabilidade do uso da *Internet*, nunca se demandou tanto às pessoas que verificassem informações antes de compartilhá-las. Fala-se que uma mentira contada várias vezes, se torna verdadeira, acredita-se então que, falar mais sobre o mal que ela causa, certamente ajudará a desfazê-la. Convém destacar também as iniciativas de criação através de *sites* de checagem de fatos, ou os chamados *Fact Checking*, especializados em checar a veracidade de uma notícia falsa que foi veiculada e então desmascará-la. Aqui no Brasil podemos citar alguns, como FATO OU FAKE do site globo.com, a Agência Lupa do folha.uol.com.br, Aos Fatos no aosfatos.org, e-farsas do também e-farsas.com, entre outros.

Sobre publicar e compartilhar informações nas redes, muito se fala em uma mudança de comportamento urgente nos próximos anos. E um dos caminhos para essa mudança está na Alfabetização Digital ou *Media Literacy*. É sabido que por meio da educação e do uso responsável da tecnologia, está a saída de um lugar para a chegada a outro melhor. E no caso das *Fake News* esse caminho é longo, demorado e demanda esclarecimento e esforço coletivo, sobretudo, em repudiar notícias falsas e estimular a busca por fontes seguras de informação. (BRANCO, 2017, p. 61).

O que originalmente se chama *Fake News*, são as informações falsas que imitam o *design* e a linguagem jornalística. São *sites* e páginas que se esforçam para copiar o visual de veículos tradicionais, fazendo com que as pessoas confiem no que leem. Por isso é importante sempre prestar atenção na fonte.

Figura 6 – 7 Pontos para checar se uma notícia é falsa



Fonte: Instagram @senadofederal (2020).

Quanto à navegação é importante que o usuário esteja atento. As *Fake News* por mais “vestida de verdade” que estejam, elas deixam alguns sinais que são perceptíveis quanto à sua veracidade. A dica é sempre conferir a fonte, e essa atenção deve estar voltada, sobretudo antes de compartilhar uma notícia, é importante verificar se a fonte é confiável como se observa na figura 7 os sete pontos para checar se uma notícia é falsa.

A preferência ao se informar deve ser por portais e *sites* conhecidos como os *sites* e blogs jornalísticos sérios. Isso não quer dizer que um grande *site* não publique uma informação falsa, mas as chances são menores. O usuário precisa ler a notícia completa, não é raro as pessoas compartilharem uma notícia apenas pelo título. Geralmente o primeiro parágrafo posto em destaque, fornece ao leitor informações básicas sobre o conteúdo. Por isso a importância de ler a reportagem inteira. Isso poderá ajudar a identificar se aquela informação é ou não verdadeira. Não custa nada pesquisar sobre a informação e verificar se mais algum *site* ou portal está noticiando. Caso não esteja, as chances de a notícia ser uma *Fake News* são muito grandes. Atenção também para a data da postagem, notícias antigas também podem ser divulgadas e compartilhadas, são as chamadas informações fora do contexto. O usuário deve ficar de olho nas datas da publicação. Outro ponto relevante são os erros de ortografia e concordância que ocorrem com mais frequência em notícias falsas. Isso não quer dizer que uma reportagem não possa errar uma coisinha ou outra ao longo do texto, mas, se conter muitos erros ortográficos já é um ponto para se desconfiar.

(MUNDOEDUCAÇÃO, 2019, online). Isso tudo para tentar mostrar se uma navegação é segura, atentar o usuário de que, se ele encontrar uma notícia e não tem certeza se é verdadeira, deva fazer uma varredura pelo *site* e dessa forma poder perceber se o canal é mesmo sério, se as reportagens contidas ali são assinadas por jornalistas e se são realmente relevantes.

4.1 Pós-verdade, desinformação e contrainformação

Dentro de um contexto global que abrangeu as eleições para presidente dos Estados Unidos da América – EUA e com a saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit, uma propagação de *Fake News* ocorreu durante os períodos destacados e por conta disso, o dicionário Oxford elegeu pós-verdade como a palavra de 2016. A definição proposta pelo dicionário é a de que “se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. Ou seja, é um termo usado por quem acredita que a verdade está perdendo importância e espaço no debate político e social para opiniões pessoais, crenças e ideologias. Para a realidade da política brasileira, essa divisão seria entre os apoiadores de ideologias políticas que estão divididas em grupos chamados de Direita e Esquerda. Seria como dizer que a torcida pessoal pelos partidos e políticos valem mais do que os fatos. Percebe-se um viés muito mais político quando o assunto tem a ver com o uso da pós-verdade para desinformar.

[...]parte do processo de disseminação acelerada/amplificada de dados gerados em Tecnologias de Informação/Comunicação - TICs, diante da rápida divulgação, em que é inevitável que surjam infundas versões sobre fatos, o que seria importante/relevante se eliminasse absurdos das dicotomias, porém as verificações cada vez mais complexas, diversas, diversificadas... geraram essa face obscura, “policotômica”/“multicotômica” do lado B, o *dark side* de realidades; dessa maneira, especialistas em informações enviesadas/distorcidas/boatos/fofocas...(spindoctors - produtores de factoides) aproveitam-se de incertezas/inseguranças provocadas na quebra de dicotomias a criar pós-verdades, novas verdades, pseudoverdades, meias verdades... apoiadas em indícios /convicções, já que fatos tornaram-se híbridos/complexos à verificação. (MONTEIRO, 2016, n.p.).

Nem sempre, as *Fake News* se prestam a endossar publicamente os desejos do usuário. Muitas pessoas compartilham boatos por curiosidade, perplexidade ou acreditando estar se precavendo de algo. Um exemplo muito divulgado durante as eleições de 2018 no Brasil foi sobre a distribuição de uma cartilha, “kit gay”, pelo partido contrário, que concorria o segundo turno com o presidente Jair Bolsonaro. O que

não era verdade. Mas, mesmo assim, muita gente compartilhou. Outras tantas são disseminadas pela vontade de alertar o mundo sobre potenciais perigos que rondam determinadas comunidades ou para espalhar notícias sobre saúde e bem-estar.

Alguns exemplos são, como o boato fatal que culminou no assassinato, por moradores, de uma dona de casa acusada de matar crianças em Guarujá, litoral paulista, em rituais de bruxaria; ou em 2016, um serralheiro morador da Baixada Fluminense foi identificado como estuproador de crianças e passou a ser ameaçado de morte; e sobre uma multidão que tentou linchar um casal em Araruama, Estado do Rio de Janeiro, após boato de sequestro de criança divulgado no *WhatsApp*; assim como a criação de páginas nas redes sociais para divulgar informações sobre os malefícios que as vacinas podem causar a saúde das pessoas, ocasionando o caos na saúde pública e o retorno de doenças antes controladas.

Nem sempre os boatos e as notícias falsas têm desfechos trágicos, e o que os une é a contribuição para a desordem intelectual *online*, com eventuais resultados no mundo real. Branco (2017) dividiu os sites que compartilham *Fake News* em quatro categorias distintas: “I – Os que intencionalmente buscam enganar através de manchetes tendenciosas; II – Os de reputação razoável que compartilham boatos em larga escala sem verificar corretamente os fatos; III – Os que relatam de forma tendenciosa fatos reais, manipulando a informação; e IV – Os que humoristicamente trabalham com situações hipotéticas”. As redes sociais propiciam um ambiente rico em opiniões e facilitam a propagação de *Fake News* pelo alcance dos usuários e pela prisão nas bolhas virtuais geradas pelos algoritmos, as pessoas recebem os conteúdos que geralmente se aproximam de suas ideias.

No filme *Dúvida*, o padre interpretado por Philip Seymour Hoffman profere um sermão que pode ser assim resumido: Uma mulher fez fofoca sobre um homem que mal conhecia. Nessa mesma noite, sonhou com uma grande mão que lhe apontava um dedo acusador, o que lhe causou uma sensação de culpa. No dia seguinte, ela foi ao confessorário e contou ao padre o que havia acontecido. Ela indagou se fofoca era pecado e se seria a mão de Deus a lhe apontar o dedo; se deveria pedir absolvição, se teria feito algo errado. O padre imediatamente respondeu que sim, que ela era uma ignorante e que deveria estar envergonhada. A mulher então pediu desculpas e perdão. Ao que o padre retrucou: “não tão rápido! Vá até sua casa, leve um travesseiro até o telhado, abra o travesseiro com uma faca e volte”. A mulher assim procedeu e voltou no dia seguinte. O padre lhe inquiriu: “o que aconteceu?”, ao que a mulher respondeu: “penas voaram por todos os lados”. O padre lhe disse: “quero que volte lá e me traga todas as penas que voaram”. A mulher falou: “bem, isso não é possível, não sei aonde elas foram levadas, o vento as espalhou”. “Isso”, concluiu o padre, “é fazer fofoca”. A metáfora é simples, mas eficiente. Só faltou acrescentar que, na internet, as penas se espalham com a força de um furacão. (BRANCO, 2017, p. 59).

O trecho do filme faz refletir também sobre como as *Fake News*, de forma incontrolável, se espalham nas redes sociais, causando uma corrente de desinformação com poder de alcance inimaginável. Importante destacar, que os criadores e propagadores da desinformação usam recursos tecnológicos bastante avançados, fazendo com que a identificação de uma informação verdadeira torne-se cada vez mais difícil de detectar.

No contexto da contrainformação, que segundo o dicionário priberam, seria a “ação de estratégia para impedir ao inimigo ou a uma entidade o acesso a informação verdadeira, notadamente com divulgação de informações falsas.” (PRIBERAM, 2020, online). Surge com a problemática que envolve as bolhas da informação. Pois é necessário pensar que existem os dois lados da navegação, os que criam e propagam *Fake News* e os que a combatem, e ambos possuem ferramentas das quais pode-se chamar, de contrainformação. Pois a mesma trata também de um “conjunto de recursos que visam observar e neutralizar os serviços de informação do campo inimigo.” (INFOPÉDIA, 2003, online). Aqui pensa-se a contrainformação não como a desinformação em si, mas a visão da publicação com uma outra perspectiva daquilo que foi já fora veiculado nas grandes mídias.

Seguindo essa linha de raciocínio, das publicações pelos vários caminhos da comunicação, o pensador italiano Pio Baldelli, disse que a função da contrainformação seria a de “garantir a circulação de informações sobre situações de classe, à margem dos canais controlados pelo poder constituído e também utilizando espaços que as contradições da burguesia oferecem no seio desses canais” (BALDELLI *apud* FADUL, 1982, p. 36). Sendo assim, Anamaria Fadul (1982) afirma que a contrainformação “significa ao mesmo tempo práticas de comunicação e militância política que resistem à ordem hegemônica e lutam pela instalação de uma nova hegemonia” (1982, p. 36). A autora, cria um conceito que refere-se desde às práticas de comunicação clandestinas, fora do circuito “tradicional” de comunicação, até à criação de meios mais populares de comunicação. Numa perspectiva de que a informação não é mais e tão somente veiculada nas grandes mídias que sempre detiveram o poder da produção e publicação das mesmas.

Já Victor Flusser (1982) traz a ideia de entendimento e faz pensar se a contrainformação é um elemento do sistema de comunicação ou se é um elemento em oposição a este sistema. O autor sugere uma ampliação da noção de contrainformação, ainda hoje comum. Ele afirmou:

Aparentemente, a contrainformação é considerada como sendo a informação contrária à veiculada por um sistema; ela seria a comunicação da notícia censurada pelo poder. Esta é, porém, visão acadêmica, e inexata. A contrainformação é a meu entender um novo ato cultural. (FLUSSER, 1982, p. 160)

Por esse viés, a contrainformação surgiria no terreno da produção da informação, e sua estratégia seria a de tornar os meios de comunicação como a principal ferramenta para transformar os veículos que propagam a comunicação como canais politicamente atuantes.

4.2 Informação Fora do Contexto, Sátira, *Click-bait*, *Phishing* e *Deep fake*.

As *Fake News* são conteúdos criados com o propósito de enganar. Trata-se de uma mentira “vestida de verdade” com o único intuito de enganar e desinformar o usuário que a recebe, por isso a importância em não compartilhar algo que não foi checado antes. E junto ao fenômeno das *Fake News* surgiram expressões que ganharam destaque quando o assunto tem a ver com informações postadas nas redes.

Nesta seção será destacada alguns exemplos destes termos mais utilizados, dentro do contexto da desinformação. O primeiro é o termo **Informação Fora do Contexto** que são mensagens, fotos, vídeos ou áudios verdadeiros, mas que trata de outro lugar ou de outro momento da história, esse tipo de informação nunca está de acordo com a época, com a contextualização do momento, ou com as condições que proporcionam um determinado fato. Um exemplo pode ser a notícia sobre a chegada de um ciclone, que pode ter ocorrido no passado, e que volta a ser publicado com intuito de espalhar medo e pânico.

A próxima expressão é a **Sátira**, que além de não ser um termo novo não deve ser tratada como desinformação em si, mas pode gerar confusão se não for entendida com humor. Sua principal característica é a forte presença de ironia, e uma forte carga de sarcasmo, e por isso é importante que se visite o perfil daquele que a publicou para se entender o contexto da publicação, que geralmente são de páginas de humor ou de humoristas.

Os ***Click-bait*** ou **Caça-cliques** são links sensacionalistas e geralmente enganosos criados para ganhar o clique dos usuários. Seu conteúdo é produzido com o objetivo de ganhar cliques na *Internet* e geralmente aparecem sob a forma de títulos chamativos ou sensacionalistas, que despertam a curiosidade e aumenta o número de acessos a um *site* ou perfil de uma rede social. Normalmente esses conteúdos vêm

carregados de informações falsas em títulos e imagens, capturando a curiosidade do usuário com promessas exageradas, levando-o a clicar em um determinado *link*. Essa forma de marketing não é proibida, mas nem sempre esses conteúdos entregam o que prometem.

Já *Phishing* (quem em tradução livre seria o mesmo que pescar) são ofertas falsas de serviços e produtos gratuitos com a intenção de roubar dados pessoais ou bancários, por exemplo. Seus conteúdos são diferentes entre si, e exigem muita atenção quando recebidos. Seja conduzido por *e-mail*, redes sociais, SMS ou outro vetor, todos os ataques de *phishing* seguem os mesmos princípios básicos. Os golpistas enviam um texto direcionado, com o objetivo de convencer a vítima a clicar em um *link*, baixar um anexo, enviar as informações solicitadas ou até mesmo concluir um pagamento real, por isso a necessidade da checagem de sua origem. É bom lembrar que as diferenças entre os conteúdos são classificadas indevidamente como *Fake News*. E entre uma informação ser falsa e verdadeira, existem muitas nuances, e precisam ser compreendidas para serem utilizadas de maneira responsável com o mundo digital.

E para finalizar o *Deep fake*, que é um tipo de desinformação altamente sofisticada e convincente produzida a partir de recursos tecnológicos avançados, como Inteligência Artificial e vídeo *mapping* (técnica que consiste na projeção de vídeos em objetos ou superfícies irregulares). Um exemplo seriam os vídeos digitalmente manipulados em que a boca ou o rosto de uma pessoa parecem transmitir, de forma muito convincente, algo que na verdade foi dito por outra pessoa com sincronização de movimentos labiais e as expressões faciais. (EDUCAMÍDIA, 2020, online).

5 FAKE NEWS, LIBERDADE DE EXPRESSÃO E CENSURA (Inquérito 4.781 do Supremo Tribunal Federal e o Projeto de Lei, PL 2.630/2020 – Lei das Fake News)

O Inquérito 4.781 do Supremo Tribunal Federal – STF trata da investigação, publicação e compartilhamento de “*Fake News*, denúncias caluniosas, ameaças e infrações” nas redes e mídias sociais. O ministro Alexandre de Moraes, relator do inquérito, informou que o objeto do INQ 4781 são as ameaças, e não críticas, “por mais duras que sejam”, ao STF. O ministro falou sobre mensagens na internet que revelavam planos de atentados e agressões, inclusive detalhes da rotina dos integrantes do STF, e ameaças de violência sexual contra familiares (esposas e filhas de ministros), de execução com arma de fogo e de até ateamento de fogo no Plenário.

A associação criminosa, denominada no depoimento do parlamentar, o Deputado Federal Alexandre Frota (PSDB-SP) como o “Gabinete do Ódio”, que atua no mesmo andar no qual o presidente Jair Bolsonaro despacha diariamente, seria dedicado à disseminação de notícias falsas, ataques ofensivos a diversas pessoas, às autoridades e às Instituições, dentre elas o Supremo Tribunal Federal. As investigações mostraram que o conteúdo das mensagens publicadas e compartilhadas são de ódio, e segundo o relator do inquérito, as mensagens teriam “intuito da destruição da ordem e incentivo à quebra da normalidade institucional e democrática”. (BOMFIM, 2020, online)

As informações vão ao encontro do depoimento do Deputado Federal e confirmam a suspeita da existência de uma associação criminosa. E ainda segundo o ministro relator, nenhum dos 72 inquéritos enviados à primeira instância como desdobramento das investigações trata de liberdade de expressão, críticas ou xingamentos. “Liberdade de expressão não é liberdade de agressão, de destruição da democracia, das instituições e da honra alheia, nem se confunde com ameaças, coações, atentados”, e continuou: “A Constituição Federal não permite que criminosos se escondam, sob o manto da liberdade de expressão, para a prática de discurso de ódio, antidemocrático, de infrações penais e de atividades ilícitas”. (SENADO FEDERAL, 2020, online).

Trata-se de inquérito instaurado pela Portaria GP Nº 69, de 14 de março de 2019, do Excelentíssimo Senhor Ministro Presidente, nos termos do art. 43 do Regimento Interno desta CORTE. O objeto deste inquérito, conforme despacho de 19 de março de 2019, é a investigação de notícias fraudulentas (fake news), falsas comunicações de crimes, denúncias caluniosas, ameaças e demais infrações revestidas de animus caluniandi, diffamandi ou injuriandi, que atingem a honorabilidade e a segurança do Supremo Tribunal Federal, de seus membros; bem como de seus familiares, quando houver relação com a dignidade dos Ministros, inclusive o vazamento de informações e documentos sigilosos, com o intuito de atribuir e/ou insinuar a

prática de atos ilícitos por membros da Suprema Corte, por parte daqueles que tem o dever legal de preservar o sigilo; e a verificação da existência de esquemas de financiamento e divulgação em massa nas redes sociais, com o intuito de lesar ou expor a perigo de lesão a independência do Poder Judiciário e ao Estado de Direito. (MORAES, 2019, p. 1)

O ministro Luís Roberto Barroso destacou que não se discute no INQ 4781 o cerceamento da liberdade de expressão, mas quais são e como devem funcionar os mecanismos de autodefesa das instituições quando atacadas. “Numa democracia, há espaço para conservadores, liberais e progressistas, mas não há espaço para violência, ameaças e discursos de ódio.”

[...] as críticas, naturais numa democracia, não se confundem com associação criminosa de grupos armados para ameaçar pessoas e atacar os prédios onde se reúnem as instituições. Quem recebe dinheiro para fazer campanhas de ódio não é militante. É mercenário, é criminoso. Nenhuma sociedade civilizada pode tolerar esse tipo de conduta, esse tipo de desrespeito às instituições e às pessoas. (BARROSO, 2020, online)

Na própria instituição federal há quem divirja do INQ 4781, é o caso do ministro Marco Aurélio, para ele houve “violação do sistema penal acusatório constitucional”, que separa as funções de acusar, pois o procedimento investigativo não foi provocado pelo procurador-geral da República, e essa situação, que o próprio ministro chama de “vício inicial” poderá contaminar a tramitação do processo. Segundo ele, as investigações têm como objeto manifestações críticas contra os ministros que, em seu entendimento, estão protegidas pela liberdade de expressão e de pensamento. A partir dessas divergências abriram uma discussão em plenário para determinar a validade e continuidade do INQ 4781. E em 18 de junho de 2020, o plenário concluiu o julgamento sobre a validade do inquérito sobre as *Fake News* e ataques ao STF. E por dez votos a um, prevaleceu o entendimento de que a portaria da Presidência do STF que deu início às investigações é constitucional. Dessa forma, segue tramitando no Senado Federal.

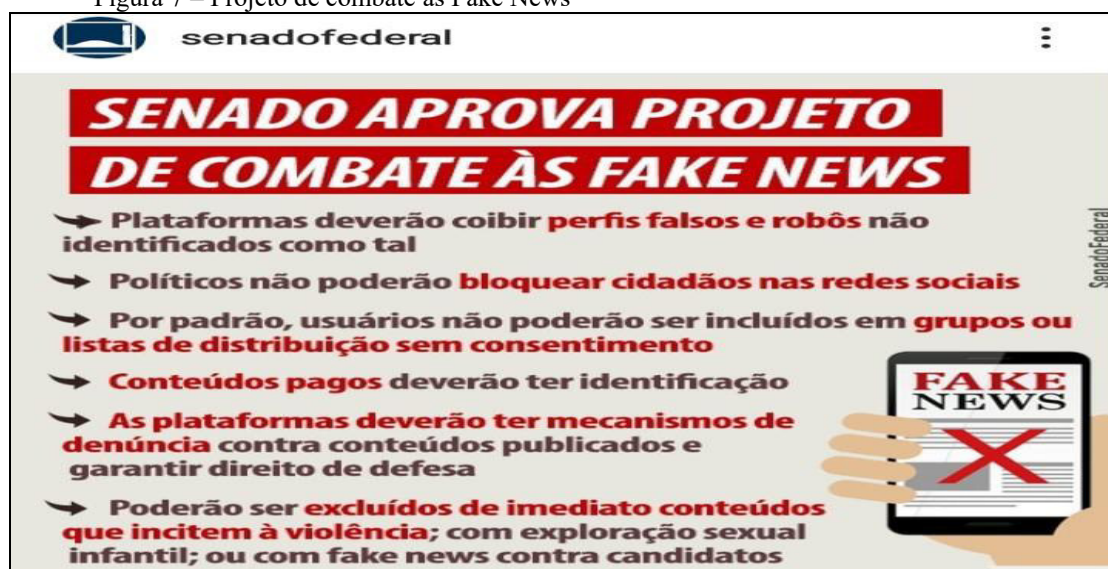
O Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) concluiu o julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 572 para declarar a legalidade e a constitucionalidade do Inquérito (INQ) 4781, instaurado com o objetivo de investigar a existência de notícias fraudulentas (*fake news*), denúncias caluniosas e ameaças contra a Corte, seus ministros e familiares. Por dez votos a um, prevaleceu o entendimento do relator, ministro Edson Fachin, de que a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 572, cujo objeto era a Portaria 69/2019 da Presidência do STF, que determinou a instauração do inquérito, é totalmente improcedente, “diante de incitamento ao fechamento do STF, de ameaça de morte ou de prisão de seus membros e de apregoada desobediência a decisões judiciais”. Ficou vencido o ministro Marco Aurélio, que julgou procedente a ADPF. (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2020, online).

Já no Senado Federal a movimentação para o combate às *Fake News*, teve uma importante deliberação em 30 de junho de 2020, quando aprovou em sessão remota, o Projeto de Lei, PL 2.630/2020 (Lei das *Fake News*), que cria a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na *Internet* com normas para as redes sociais e serviços de mensagens como *WhatsApp* e *Telegram*. A intenção é evitar que as notícias falsas possam causar danos individuais ou coletivos e à democracia. O texto, que segue para a Câmara dos Deputados Federais, foi proposto pelo Senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), o projeto foi aprovado na forma de um texto alternativo do relator Senador Angelo Coronel (PSD-BA). Segundo o autor, o projeto é uma forma de fortalecer a democracia e reduzir a desinformação por meio do combate a informações falsas ou manipuladas nas redes sociais. O texto também busca dar maior transparência sobre conteúdos pagos oferecidos aos usuários. As novas regras se aplicam às redes sociais e aos aplicativos de mensagens que tenham pelo menos dois milhões de usuários.

A lei vale também para redes e aplicativos estrangeiros que prestam serviços ao público brasileiro. Os provedores menores deverão usar a lei como parâmetro para o combate à desinformação e para dar transparência sobre conteúdos pagos. As normas não atingem as empresas jornalísticas. (SENADO FEDERAL, 2020).

Entende-se que essas tratativas jurídicas são extremamente importantes no combate às *Fake News*, pois consolidarão medidas legais que irão, de alguma forma, coibir seus produtores e divulgadores de se passarem por veículos de imprensa e assim enganarem seu público e seguidores. (Ver figura 7).

Figura 7 – Projeto de combate às Fake News



Fonte: Instagram @senadofederal (2020).

Em tempos de publicação e divulgação em massa de *Fake News*, muito se fala em liberdade de expressão e censura, essas duas palavras acabam sendo usadas de maneira indeterminada pelos usuários, seria a tentativa em justificar as publicações e nem sempre fazem parte daquele contexto, pois a justificativa as vezes saem rasas. Interessante seria que antes da utilização, o usuário soubesse o significado de ambas.

O entendimento de liberdade de expressão é de que trata do direito que permite a todas as pessoas a manifestação de suas opiniões sem medo de represálias. Assim como, autoriza que as informações sejam recebidas por diversos meios, de forma independente e sem censura. Ou seja, ela significa o direito de manifestar a opinião pessoal ou de um grupo, sempre com respeito e respaldada pela verdade da informação. Mas o direito de se expressar indica também que há limites éticos e morais. Desta forma, a calúnia não é permitida, bem como atos de injúria, pois assim há direitos que deixariam de ser preservados. A preservação dos direitos de expressão deve ser assegurada em qualquer meio de comunicação, incluindo a *Internet*. A informalidade não deve significar a liberdade total para se dizer o que se quer e ofender as pessoas, causando danos morais e/ou psicológicos. (BEZERRA, 2019, n.p.). E como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu Artigo 19:

Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de buscar, receber e transmitir informações e ideias por qualquer meio e independentemente de fronteiras. (ONU, 1948, online).

No Brasil, a liberdade de expressão foi contemplada nas três primeiras constituições até a outorga da Constituição de 1937. Nesse período se deu início a censura com Getúlio Vargas. Na constituição seguinte, de 1946, foram reforçados os direitos e a liberdade individual dos cidadãos. Já na Constituição de 1967, a democracia perdeu o seu lugar para o autoritarismo e a centralização do poder que se iniciou com o Golpe de 1964. A censura dos meios de comunicação é uma das medidas que integram o AI 5 - Ato Institucional n.º 5 decretado em 1968. Foi somente na Constituição de 1988, que o direito à liberdade de expressão foi reintegrado. Conforme Bezerra (2019, online) nos recorda ao destacar o artigo 220, com destaque ao parágrafo 2.º:

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Já no caso da censura, essa seria uma ação de desaprovação e cerceamento de

algum conteúdo de determinada mensagem, seja ela artística, jornalística entre outras e a possível retirada de circulação pública desse conteúdo, a justificativa quase sempre atrelada a ideia de proteção de interesses de um grupo ou indivíduo. Quando se fala de censura deve-se lembrar da influência do poder, é preciso entender que ao longo da história da estrutura de todo o poder, quase sempre o político, é ele o responsável por ditar a censura. Da qualificação e implantação da censura geralmente são típicos de grupos autoritários ou inquisitivos. (CARVALHO, 2019). Vale destacar e entender a linha, que não é tênue, e que separa a censura da liberdade de expressão. A primeira trata do autoritarismo e implantação do poder em determinados grupo, já a segunda trata a informação como direito de todos, mas com respeito ao próximo.

A utilização do instrumento de censura é característica de regimes autoritários. Em regimes democráticos, por outro lado, a liberdade de expressão, pensamento e manifestação são pilares essenciais. É por essa razão que a Constituição Federal de 1988, que marca a redemocratização do país, garante a liberdade de expressão e condena a censura. (CARVALHO, 2019, online).

Figura 8 – Liberdade de Expressão no Brasil



Fonte: Site da todamateria.

Observa-se na figura 8 a negação da liberdade de expressão. A junção entre a mídia e a liberdade de expressão é fundamental, pois ela reúne os meios que aumentam as possibilidades das mais variadas manifestações como a escrita e a expressão artística na sua mais variada forma. O direito de se expressar caminha junto com o limite ético e a moralidade. Dessa forma, a calúnia não é permitida, assim como atos de injúria, e o direito seria preservado. A preservação dos direitos de expressão deve estar assegurada em qualquer meio de comunicação, e isso inclui a *Internet*. A informalidade não deve significar a liberdade total para se dizer o que se quer e ofender as pessoas, podendo

causar danos morais, psicológicos e até financeiros ao próximo. (BEZERRA, 2019, n.p.). A importância em destacar os conceitos e a diferença entre liberdade de expressão e censura, se deve ao fato de que em tempos de *Fake News* nunca essas duas palavras foram tão usadas, isso vale tanto para quem as propaga quanto para quem as combate. Na tentativa de sair em defesa de suas próprias publicações as pessoas tentam justificar suas atitudes destacando a diferença entre ambas.

6 O BIBLIOTECÁRIO NO CONTEXTO DA (DES)INFORMAÇÃO POR *FAKE NEWS*

Ressaltar a importância do trabalho do bibliotecário no combate às *Fake News* se deve sobretudo a universalização da *Internet* como ferramenta de busca e pesquisa, e há de se destacar que existe um excesso de informações que não é medida quanto a sua estrutura e organização. Daí a necessidade de avaliar o que de fato é uma informação confiável.

A Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, cuida da garantia do exercício da atividade do profissional bibliotecário e da garantia de que a gestão das bibliotecas seja feita por este. Nessa perspectiva de que o bibliotecário é o profissional que trata, organiza e dissemina a informação, faz-se necessário a presença atuante deste profissional no processo de detecção e combate às *Fake News*. Para tanto é importante que durante sua formação e exercício profissional, o bibliotecário tenha capacidade intelectual e ferramentas tecnológicas de comunicação que o ajudem a desenvolver métodos de detecção das chamadas notícias falsas, para assim, minimizar os aspectos negativos de sua propagação. Isso não é uma tarefa fácil, uma vez que as *Fake News* são intencionalmente escritas para enganar os leitores a sua identificação não é simples. É também nesse contexto, que o bibliotecário deverá desenvolver formas de guiar seus usuários em suas buscas *online* e torná-los mais críticos quanto àquilo que leem. Definir o grau de verdade ou a precisão da informação *online* vem se tornando uma tarefa bastante desafiadora, porém de extrema relevância.

O processo de detecção de *Fake News* possui o mesmo fluxo dos processos de descoberta de conhecimento em bases de dados, ou mineração de dados, que nada mais é que um pré-processamento, análise e validação da informação. O termo Mineração de Dados – MD foi usado como uma referência ao serviço de mineração nas minas, pois explora uma base de dados usando algoritmos, ou ferramentas adequadas para se obter conhecimento, o que no caso das minas, seriam os minerais preciosos. O conhecimento é algo que permite uma tomada de decisão para agregação de valor. (CASTRO, 2018, p. 66) Desta forma, encontrar uma informação relevante em meio a tanta informação falsa é de verdade como encontrar algo muito valioso. E qual é o profissional que tem qualificação e formação para executar tal tarefa se não o bibliotecário? De acordo com Assis (2018, p. 16), o bibliotecário é o profissional,

[...] responsável por tornar acessíveis as informações desejadas, seja em meio físico, seja digital, aos seus usuários, desenvolvendo papel mediador. Como base para o alcance, a recuperação e sua posterior destinação e uso, o

bibliotecário adota diferentes técnicas para o tratamento dessa informação: organização, armazenamento e disseminação. Considera-se que esses processos contribuem para a democratização do acesso à informação, ressaltando, assim, a importância do papel do bibliotecário na sociedade.

Vale destacar que por haver um eterno processo de aprendizagem e busca por qualificação, além das mudanças informacionais e tecnológicas, e isso vale para todos os profissionais da área da informação, a definição do que realmente seja a profissão do bibliotecário, está longe de ser esgotada. Do bibliotecário exige-se uma formação integral e integradora dele próprio com o ambiente em que atua, além de uma consciência de seu papel profissional e social, que são sempre moldados a partir de uma dada realidade, ou seja, uma compreensão crítica do contexto em que atua (VARELA, BARBOSA; FARIAS, 2016). Integrado a este pensamento Coelho Neto (1996, p. 5) afirmou que:

O papel do bibliotecário na sociedade está se alterando devido às novas tecnologias de informação e comunicação. Novas formas de trabalhar surgiram porque novas ferramentas foram criadas para o controle, organização e disseminação da informação. O profissional não está mais limitado ao espaço físico da biblioteca; agora ele trabalha com vários suportes em que a informação está registrada, onde o usuário passa a ser o foco principal e não mais o acervo, ao mesmo tempo que a disseminação passa a ter mais importância que a preservação da informação.

O detalhe da citação do autor está justamente na mudança de foco do bibliotecário, que passou a ser o usuário e não mais o acervo, como era visto nos primórdios da profissão. Essa mudança de foco é o que justifica e dignifica socialmente o compromisso com os seus usuários. A efetivação do acesso e a democratização da informação visa a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. Isso porque, a partir da leitura crítica do mundo e da palavra, os indivíduos passam a ser os protagonistas de suas ações (SILVA; TANUS, 2018, p. 68). O bibliotecário precisa compreender a sua responsabilidade social e política, assumindo de uma vez por todas o seu importante papel de mediador. E se o usuário passou a ser o centro das atividades, deve-se atentar de que esse mesmo usuário pode ser uma vítima ou um propagador de *Fake News*.

Fica ainda mais evidenciado o seu papel social enquanto profissional capaz de criar técnicas especializadas de captura, organização e preservação da informação digital; de suas funções editoriais capazes de filtrar a informação necessária para demandas específicas e, principalmente, de sua atuação enquanto mediador para o desenvolvimento de competências em informação (CORRÊA; CUSTÓDIO, 2018, p. 211).

Importante destacar que, além de tudo que foi falado, vê-se também a exigência

de práticas informacionais éticas e críticas que evidenciam a importância de verificação das fontes de informação usadas no cotidiano, o que coloca em xeque a avaliação do que é informação ou desinformação em determinado contexto. A desinformação tende a ser mais restrita no contexto das informações científicas, pois o método, como característica da ciência, exige a reprodução das experiências para verificação de resultados similares. Com isso, as informações do dia a dia, sejam elas de cunho político, social e até mesmo informações que dizem respeito à saúde são mais vulneráveis às *Fake News*, uma vez que não preveem rigor em sua produção e, ainda, são abertas à participação de diferentes atores. (ZATTAR, 2017, p. 288). Vale lembrar que trata-se de informação de um modo geral e não da produção científica, que possui critério avaliativo antes de sua publicação.

No campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação para o combate às *Fake News*, a *International Federation of Library Associations and Institution (IFLA)*, elaborou em 20 de agosto de 2018, a “Declaração da IFLA sobre notícias falsas”, essa Declaração está disponível no site da instituição em diversos idiomas. No documento há recomendações para os governos e encoraja seus membros a atuarem como provedores da alfabetização informacional e midiática e na avaliação das fontes de informação de modo crítico pelos usuários para que possam acessar informações verídicas e confiáveis, assim como apoia a liberdade de expressão e o acesso à informação (IFLA, 2018, online).

[...] apenas um sujeito competente em informação poderá ensinar e mediar outros sujeitos ao longo do processo da apropriação e construção do conhecimento, assim como incorporar a alfabetização política na agenda de suas atividades e no rol das competências requeridas. Cabe ao bibliotecário ser esse mediador entre as informações e o usuários, que são sujeitos ativos nos processos de construção do conhecimento, mas que a partir da interação com o profissional podem se localizar com mais segurança no mundo informacional, permeado por informações positivas e negativas. Inclusive o discernimento das categorias informacionais (verdadeira ou falsa) pelos usuários devem permear os diferentes espaços de atuação dos bibliotecários, com vistas ao desenvolvimento de competência crítica em informação, e a produção do conhecimento contextualizado e crítico. (BRIZOLA; BEZERRA, 2018 *apud* SILVA; TANUS, 2018)

As bibliotecas e demais centros de informação devem contribuir para encontrar soluções ao problema da desinformação originado da manipulação que a mídia faz da informação (CASTRILLÓN, 2011, n.p.). É chegada a hora de o profissional bibliotecário participar mais ativamente da guerra contra a desinformação causada pelas *Fake News*. Entende-se aqui, do profissional que possui qualificações e conhecimento

das ferramentas que podem ser utilizadas na busca e uso de fontes de informações confiáveis e na educação, a partir do desenvolvimento de atividades que gerem o gosto pela leitura, de seus usuários. As discussões sobre notícias falsas ou *Fake News*, têm reforçado a necessidade de se pensar o papel dos bibliotecários na formação de pessoas aptas a lidarem com a informação de maneira crítica e responsável.

6.1 O bibliotecário na *web* e o combate a desinformação

O bibliotecário precisou acompanhar o surgimento das novas tecnologias informacionais e também teve que manter-se atualizado no que diz respeito ao aparecimento dos modernos canais de informação e comunicação cada vez mais presentes na sociedade contemporânea. Assim, questiona-se, “As *Fake News* devem ser objeto de preocupação dos bibliotecários, ainda que a sociedade brasileira nada espera por parte deles?” (BRAYNER, 2019, n.p.)

Para a pergunta acima, ousa-se responder que sim. O bibliotecário, ainda que no silêncio de uma biblioteca, luta em prol da democracia e do direito de todos ao acesso a informação. Nesse contexto, este profissional surge como uma ponte que ajudará os usuários na criação de critérios de confiabilidade informacional no ambiente digital. O usuário acompanha a inovação tecnológica, e faz uso de instrumentos de busca cada vez mais modernos.

Dentre essas novas ferramentas estão as redes sociais, blogs e repositórios que se tornaram muito utilizados no processo de produção, disseminação e guarda da informação. Destaca-se ainda o uso das redes sociais pelas unidades de informação, e também a análise por parte do bibliotecário na verificação de como os usuários fazem uso desses novos canais de comunicação para as suas buscas, produção e publicações.

O uso dos repositórios digitais assim como as redes sociais na rotina dos indivíduos tem exercido bastante influência no comportamento, no modo que se relacionam e se comunicam dentro desse contexto de cenário tecnológico em que vive-se na sociedade.

A ampliação dessa cultura do compartilhamento de informações por meio da *Internet* sobre diversificados tipos de assuntos ou temas destaca-se como um espaço de exposição para postagem de arquivos e informações ao usuário.

As bibliotecas podem atuar como importante espaço de aprendizagem e o bibliotecário torna-se extremamente indispensável como mediador no processo de busca

da informação através da *Internet*. O bibliotecário que desde os primórdios da profissão vem se modernizando para acompanhar as várias mudanças na forma como a informação vem sendo utilizadas precisa trazer essas novas tecnologias a seu favor, para assim criar e desenvolver métodos que auxiliam seus usuários, uma espécie de letramento/alfabetização informacional digital.

Os usuários leitores precisam ter uma postura mais crítica e reflexiva, e com o auxílio dos bibliotecários aprendem a desenvolver atitudes mais independentes e proativas. O bibliotecário deve buscar cada vez e com maior velocidade os caminhos que o levem na direção de uma efetiva apropriação social da *Internet* e seu potencial informacional. (CORRÊA E CUSTÓDIO 2018). Nessa apropriação, entende-se aqui, a *Internet* como ferramenta de trabalho, na busca e divulgação de conhecimento e informação nas mais variadas áreas. Ora, senão o bibliotecário, qual o profissional com a formação mais adequada para essa função? Esse profissional recebe durante sua formação acadêmica técnicas que o capacitam no processo de registro e transferência de informação. Dentre as suas habilidades, estão a de identificar as fontes de informação com mais credibilidade.

Com uma visão contributiva e consciente de seu papel na sociedade assim como sua atuação no avanço científico e tecnológico, o bibliotecário leva em conta as dimensões humanas e éticas do conhecimento, da tecnologia e das relações sociais. Esse profissional tem um papel fundamental na coleta, tratamento e mediação da informação para a sociedade, por essa razão ele deve se preocupar com aspectos importantes para esse fim, tais como a qualidade, atualidade e a fidedignidade do que é buscado e consequentemente localizado. (SIMOES, *et al* 2016). A tratativa aqui também é chamar a atenção do bibliotecário para o combate as *Fake News* e a desinformação de maneira mais ativa, fazê-lo compreender da utilização de suas ferramentas e serviços, nesse combate, nas bibliotecas e demais unidade de informação onde atua. É natural que o profissional que tem a informação como instrumento de trabalho, precisa mais do que nunca, ser um dos atores principais nesse cenário de desconstrução da desinformação que tantos danos causam a nossa sociedade.

Com a grande quantidade de informações recebidas diariamente, mediadas por algoritmos e com inúmeras oportunidades para aprender e também confundir, habilidades de gerenciamento de informação e conhecimento tornam-se cada vez mais estratégicas para a educação e para a vida. Nesse contexto, as bibliotecas e os bibliotecários surgem como um elo essencial entre as novas maneiras de ler esse mundo

digital de conhecimento e oportunidade – verdadeiros difusores da educação midiática, pois são os maiores especialistas na gestão da informação e do conhecimento. Há ressignificação das bibliotecas, de repositório e guarda de livros para novos espaços de busca de conhecimento dentro desse mundo das informações em meio virtual. A educação midiática nada mais é que “o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos, dos impressos aos digitais. ” (EDUCAMÍDIA, 2020, online). A Educação midiática capacita o indivíduo a entender seu papel enquanto usuário das redes e de forma democrática.

Ser um cidadão educado midiaticamente pressupõe saber se informar de um modo responsável e ético; Isso significa consumir informação e conteúdo em fontes confiáveis e não dar engajamento para Fake News; Quando somos mais críticos em relação ao que vemos nas redes sociais, conseguimos filtrar o que tem qualidade e o que é verídico, sabendo separar fato de opinião; Assim, somos menos vulneráveis a campanhas de desinformação que espalham mentiras sobre as instituições políticas e atacam o jornalismo profissional; Ou seja, sabemos identificar discursos antidemocráticos e desconfiamos da intenção dessas mensagens; Saber argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular e defender ideias é ser cidadão no mundo conectado; A educação midiática é fundamental para a democracia porque nos torna responsáveis pelo que curtimos, comentamos e também compartilhamos; Por isso, tenha consciência do poder das suas liberdades democráticas e não as use contra a própria democracia, e consequentemente tornando seu usuário um leitor crítico sobretudo, capaz de identificar as Fake News. (EDUCAMÍDIA, 2020, online).

Já o comportamento proativo é se movimentar dentro do processo de mediador da informação. Espera-se um comportamento atuante do bibliotecário dentro desse novo cenário que vemos hoje, a informação através das redes. O bibliotecário contemporâneo projeta espaços colaborativos, constrói parcerias institucionais, capacita usuários como criadores, faz curadoria de recursos digitais e ferramentas, além de garantir o acesso equitativo ao mundo digital. De guardião da informação e do conhecimento para embaixador na luta pelo acesso a informação e ao conhecimento de forma mais democrática.

Um ponto a se destacar é a forma como os bibliotecários são vistos ainda pela sociedade, aqui destaca-se a visão estereotipada de um guardião de livros destacado em uma unidade de informação para organizar e manter o silêncio que um ambiente de estudos e pesquisas requer. A hora do protagonismo chegou, a guerra pelo combate às *Fake News* está declarada por todas as instituições democráticas brasileiras, e no contexto da pandemia e desinformação, destaca-se o que disse Alencar *et al* (2020, p. 90).

[...] existe um contrassenso estrutural, pois observamos a preocupação em moldar o profissional da informação, ou seja, em priorizar mais o seu trabalho técnico do que explorar o lado humanístico de suas funções como profissional, um lado mais social. É muito problemático pensar em mudanças quando nos referimos à formação desse profissional na conjuntura que hoje o Brasil perpassa. Aguardar que seja feito um trabalho que atenda a formação dessa demanda social é um processo lento e requer investimento tanto do profissional, quanto dos equipamentos dos centros de pesquisa e principalmente, educacionais e culturais. O nosso país é continental e atender a essa demanda é um grande desafio. Existem diversas peculiaridades em diversas regiões, temos leitores e consumidores diferentes de acordo com a sua necessidade. Ao final, torna-se evidente que o bibliotecário seja competente e no atual contexto de pandemia, exige um momento de reflexão, pois o seu papel, seja de transformação e revolução cultural, seja social e político, depende também da intenção e investimento do Estado brasileiro. (ALENCAR *et al*, 2020, p. 90).

O bibliotecário precisa exercitar seu poder de curadoria de recursos informacionais, ser proativo e criativo ao explorar ambientes e ferramentas para ofertar serviços de disseminação de informação e é claro que o ambiente virtual entra como destaque dentro dessa perspectiva de ambiente de busca e coleta. E quando o assunto é informação legítima deve-se pensar também na maneira como essa informação é coletada. A intenção não é determinar que apenas um profissional seja o único com capacidade para execução da atividade de checagem de informações verdadeiras, e sim destacar o papel do bibliotecário na guerra contra as *Fake News*. Sua formação e a sua experiência o tornam capaz de realizar uma busca detalhada, eficiente e segura. Hoje mais do que nunca, e com o excesso de informações e desinformações postadas nas redes, se faz necessário o trabalho do mediador com competência para fazer a ponte da informação legítima até seus usuários.

6.2 O bibliotecário como mediador da informação legítima

Mediar informação é ser a ponte entre o conhecimento e aquele que a busca, é tornar acessível e de forma democrática o conhecimento produzido em qualquer lugar no mundo. O mediador precisa entender seu papel como o profissional que facilita a comunicação entre as pessoas, com o objetivo de solucionar problemas relacionados a informação. Dessa forma, Almeida Júnior (2008), conceitua mediação da informação como:

[...] toda a ação de interferência – realizada pelo profissional da informação - direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. [...] a mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p. 45)

Estudiosos reforçam que a mediação da informação se faz presente em todas as etapas e setores de uma biblioteca. Entre eles estão Almeida Júnior e Santos Neto (2014), que esclarecem a não passividade da mediação da informação e ressaltam o fazer do bibliotecário mais ativo:

A mediação da informação está presente em todas as atividades do profissional da informação, serviço de referência, atividades culturais, contação de histórias e, inclusive, no processamento técnico, ou seja, classificação e catalogação, que fazem parte da organização do conhecimento. (ALMEIDA JÚNIOR; SANTOS NETO, 2014, p. 99).

O bibliotecário desempenha, além de suas muitas funções, o papel de mediador. A exemplo disso, e especificamente quando da execução desta função, ele é responsável pela disseminação da informação junto a sua comunidade usuária. Essa atividade está diretamente ligada ao Serviço de Referência das Bibliotecas e/ou Unidades de Informação. Apesar de ser fundamental atuar com diligência técnica neste serviço, compreender este profissional como mediador da informação pode nos dar conta da extensão de suas atividades.

Busca-se reafirmar o bibliotecário como mediador da informação, que, como tal, faz-se o profissional proativo, ou seja, que produz espaços informativos à comunidade a qual assiste. Firmando-se nesta ideia, objetiva-se identificar pontos que destaquem o bibliotecário como agente mediador da informação, apto a desenvolver atividades educativas e de incentivo à leitura, agregando a seu currículo mais responsabilidades.

A necessidade de acompanhar as mudanças tecnológicas e a crescente produção informacional acarretou no aumento de mais habilidades para lidar com a informação e com processos de mediação. O ponto de partida se dá à medida que o bibliotecário se percebe enquanto cidadão atuante, podendo contribuir em seu contexto social. Ao adquirir conhecimento de sua identidade profissional e de classe ele se tornará peça importante, sobretudo na guerra contra a desinformação.

O destaque do Serviço de Referência se dá também, devido ao fato de que é durante a execução desta função que o bibliotecário tem contato mais direto com os usuários, fazendo com que ele conheça melhor sua comunidade ajudando na elucidação e encaminhamento das pesquisas. E é durante esse contato também que devem ocorrer as orientações aos usuários quanto a utilização de fontes de informação confiáveis, sérias e seguras. Alertar de forma educativa sobre o mal que tanto a desinformação causa a nossa sociedade e conseqüentemente à nossa democracia.

As bibliotecas desempenham um importante papel social e cultural, atuando

como agentes transformadores. E por meio das tecnologias, a informação pode ser adaptada a um formato que possibilite ao indivíduo não somente o acesso, mas a compreensão do conteúdo. Destaque para a biblioteca digital, biblioteca em nuvem ou biblioteca do futuro na *web*, evidenciando aqui que esse espaço não se resume a “quatro paredes”, Cabe ao bibliotecário, além de conhecer os caminhos que levem o seu usuário até a informação desejada, no menor tempo possível, avaliar e selecionar as informações, bem como a necessária capacitação das competências informacionais deste usuário, para que o mesmo possa discernir de modo analítico e crítico as informações vindas de diferentes meios e contextos, além de ajudá-lo na percepção de uma informação falsa.

Quantidade não significa qualidade. Como nenhuma biblioteca possui todos os conhecimentos demandados, o bibliotecário deve buscar a aproximação com o usuário, a fim de conhecer suas reais necessidades e, com o olhar atento às inovações, buscar ferramentas e serviços que possibilitem disponibilizar conteúdos relevantes e confiáveis. A disseminação em massa de notícias falsas é além de tudo um perigo para a democracia e debater *Fake News* não é uma discussão partidária e sim social e pró-democrática. O papel da biblioteca na sociedade e o papel da ação dos bibliotecários nesse contexto é relacionar a democracia e o uso da informação de forma segura e responsável. Esse conhecimento precisa estar disponível para todos os membros da sociedade, e o acesso a esse conhecimento é de todos, essas condições são de extrema importância para a existência de uma democracia mais forte e soberana.

A humanidade desde a sua formação enquanto sociedade produz registro de conhecimento, seja ele conhecimento artístico, cultural, social, econômico e político. O profissional bibliotecário precisou agregar mais responsabilidade a seu currículo, pois para acompanhar as mudanças tecnológicas e a crescente produção informacional foi motivado pelo aumento de suas habilidades para lidar com a informação e os processos de mediação (SILVA; TANUS, 2019, p. 66). Dentro desse contexto, e de acordo com Assis (2018), o bibliotecário é o profissional,

[...] responsável por tornar acessíveis as informações desejadas, seja em meio físico, seja digital, aos seus usuários, desenvolvendo papel de mediador. Como base para o alcance, a recuperação e sua posterior destinação e uso, o bibliotecário adota diferentes técnicas para o tratamento dessa informação: organização, armazenamento e disseminação. Considera-se que esses processos contribuem para a democratização do acesso à informação, ressaltando, assim, a importância do papel do bibliotecário na sociedade.

Destaca-se que a busca por definição do perfil e atuação desses profissionais não se esgotam, pois envolvem as mudanças informacionais e tecnológicas sempre ligadas

ao contexto político, econômico, social e cultural. Essas mudanças geraram uma formação integral e integradora do indivíduo entre ele e seu meio social, transformando seu papel profissional e social, moldados a partir de sua realidade, numa compreensão crítica do contexto em que atua.

Como disse Coelho Neto (1996, p. 20), “há décadas, as alterações sociais e tecnológicas impactam diretamente nos afazeres dos bibliotecários”. Mesmo com tantas transformações é importante que o bibliotecário volte sua atuação para o usuário, o que justificaria a profissão e o que o dignifica socialmente é o seu compromisso com o outro, efetivando o acesso e a democratização da informação visando à construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária, onde o indivíduo possa ser um protagonista de suas ações a partir da leitura crítica do mundo e das informações que recebe diariamente. É necessária sua compreensão e responsabilidade social e política, assumindo o papel de mediador de fontes de informações reais e seguras, promovendo igualdade no acesso, acentuando a função educativa. Para tanto, o profissional precisa estar atento as questões concernentes à apropriação da informação e discutir sobre a interpretação da informação que também é sua responsabilidade. E nessa era das *Fake News* e Pós-Verdade, o papel do bibliotecário como mediador/educador é de suma importância (SILVA; TANUS, 2019, p. 68).

Partindo desse pressuposto, da informação como objeto de trabalho, Orelo e Cunha (2013, p. 30) falam que essa competência informacional tem características pelo uso eficiente desta (identificação das necessidades, localização, recuperação e uso da informação), pelo desenvolvimento cognitivo, pela compreensão da informação, e pelo aprendizado ao longo da vida. Assim, entende-se que apenas o sujeito profissional competente em informação poderá ensinar e mediar.

Ainda sobre essa perspectiva, ao bibliotecário cabe ser o mediador entre as informações e os usuários, e a partir da interação com esse profissional, as informações podem ser localizadas com mais segurança, e isso inclui o discernimento das categorias informacionais, verdadeira ou falsa, pelos usuários. Para Brizola e Bezerra (2018), essa interação vai determinar o desenvolvimento de competências críticas em informação, e a produção de um conhecimento contextualizado e crítico, isso tudo precisa estar dentro de uma relação ética entre o bibliotecário e a informação.

Para entender essa relação, que precisa estar presente em todas as profissões e na vida, primeiro se faz necessário conhecer o conceito da palavra ética, que segundo Sousa (2002, p. 16) significa, “um conjunto de princípios que rege ou orienta a ação das

peças e das sociedades na busca do equilíbrio desta ação”, e ainda segundo o mesmo autor, pode ser também “um conjunto de normas que determinam a conduta das pessoas ou o funcionamento das instituições”.

A ética do profissional da informação está inserida na maneira em que o mesmo se comporta na manipulação e na disponibilidade das informações que acessa, organiza e representa, equivale no modo como este profissional age em sua área de atuação e como trata seus usuários, em relação ao exercício de sua atividade.

O comportamento ético do profissional bibliotecário no Brasil é regido pelo Código de Ética e Deontologia (Instruções operacionais e de cunho prático, em que um grupo de profissional deve seguir (SOUSA, 2002, P. 5)), elaborado e atualizado pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (2018, p. 1).

A Resolução CFB nº 207/2018 objetiva fixar as normas orientadoras de conduta no exercício das atividades profissionais, dispondo os direitos e deveres dos bibliotecários. A informação, mecanismo cultural como objeto de trabalho é também a marca do profissional da informação que tem como “missão social, organizar, coordenar e explicar esse movimento, isto é, esse fluir” (SOUSA, 2002).

Além disso, os profissionais da informação são competentes em identificar as informações relevantes, vindas de fontes confiáveis para alimentar efetivamente as necessidades informacionais de seus usuários. Segundo o código de ética da IFLA (2012, p. 2), o bibliotecário tem como missão “assegurar o acesso à informação para todos no sentido de seu desenvolvimento pessoal e educacional, enriquecimento cultural, lazer, atividade econômica, participação informada e reforço da democracia”.

Esse entendimento de desenvolvimento pessoal e educacional, enriquecimento cultural entre outros do qual cita o código de ética da IFLA, precisa ser exercido dentro das bibliotecas e demais unidades de informação e estarem alinhados ao trabalho técnico e intelectual do bibliotecário pois o seu desenvolvimento profissional está diretamente relacionado com a promoção e defesa da igualdade informacional, coleta e avaliação da informação e curadoria de conteúdo que são validados desde a formação de seu acervo.

7 METODOLOGIA

Para Lüdke e André (1983), a pesquisa é uma etapa que representa um esforço entre pessoas, ideias e perante a realidade que a cercam, tudo isso para responder a indagações e satisfazer a curiosidade. E para isso é necessário ter uma metodologia que o ajude a chegar o mais próximo do objetivo proposto, diante disso neste capítulo será apresentado os procedimentos metodológicos para execução da pesquisa que resultou neste trabalho.

As autoras Silva e Menezes, (2005, p. 9) ressaltam que o “[...] processo não é totalmente controlável ou previsível [...]”, que escolher a metodologia é escolher uma direção a seguir, mas que algumas vezes, a fim de atingir os objetivos propostos, outros rumos terão de ser tomados.

Dessa forma, este estudo caracteriza-se, quanto aos objetivos, como descritiva, que exige por etapa anterior a pesquisa exploratória. O caráter exploratório ocorre quando se busca mais informação sobre um tema para delimitá-lo, definir objetivos, identificar novos enfoques, etc. (ANDRADE, 1999). O caráter descritivo ocorre quando não há interferência do pesquisador, que apenas descreve as características de seu objeto de pesquisa (BARROS; LEHFELD, 2007).

A primeira etapa desta pesquisa consiste na identificação de fontes de informação sobre a temática, para o aprofundamento teórico. Por ser um assunto muito contemporâneo e com poucos registros na biblioteconomia, o levantamento foi feito na *Internet* por meio dos repositórios digitais das universidades federais do país, para a busca de artigos e trabalhos de conclusão de curso que abordassem o tema *Fake News*. As palavras-chave utilizadas foram: *fake news*, desinformação, fontes de informação, mediação da informação e bibliotecário.

Na etapa da pré-leitura é feito um levantamento das obras identificadas, separando os documentos que de fato serão utilizados na fundamentação da pesquisa. Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 84) destacam, “Faz-se a leitura de reconhecimento ou a pré-leitura examinando a folha de rosto, o sumário, os índices, as referências bibliográficas, as notas ao pé da página, o prefácio, a introdução e a conclusão [...]”. Após, é realizada a leitura seletiva, que diferente da fase anterior, utiliza critérios mais específicos:

Os critérios da leitura seletiva são os propósitos do trabalho: o problema formulado, as perguntas elaboradas quando se questionou o assunto, ou em outros termos, os objetivos intrínsecos do trabalho. Somente os dados que possam fornecer alguma luz sobre o problema, constituindo um elemento de resposta ou de seleção, é que serão selecionados [...] (CERVO; BERVIAN;

SILVA, 2007, p.85).

A pesquisa bibliográfica tem o papel de colocar o pesquisador em contato direto com todo conhecimento registrado sobre determinado assunto, inclusive conteúdos de eventos científicos, publicados ou gravados (MARCONI; LAKATOS, 2003). Esse é um dos primeiros passos para qualquer investigação científica e serviu de embasamento para este estudo. Procurou-se identificar os principais conceitos relacionados ao objeto de estudo, e nortear as discussões dos resultados obtidos após análise dos dados, coletados em etapa posterior.

Após a seleção dos documentos nas pesquisas bibliográfica e documental, realizaram-se as leituras crítica/reflexiva e interpretativa. A leitura crítica se exprime a partir da capacidade da identificação das ideias principais e das secundárias. Nesta fase as ideias são julgadas a fim de que se determine seu valor, utilidade e importância. Este julgamento é feito com base nos propósitos do trabalho. Já a leitura interpretativa consiste na aplicação das ideias selecionadas na fase anterior aos fins particulares do trabalho, de modo a embasar as ideias do próprio pesquisador (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

A seguir, realizou-se a coleta de dados, que é uma etapa da pesquisa empírica, na qual se investiga a realidade, por meio da obtenção de dados, a partir da aplicação de técnicas (BARROS, LEHFELD, 2007). Em complemento, Cervo, Bervian e Silva (2007) apresentam os seguintes passos para a realização desta etapa: a determinação da população para estudo, a escolha do instrumento de coleta dos dados, a programação da coleta, etc.

O Universo da pesquisa, foram os bibliotecários que atuam nas mais variadas unidades de informação, como as bibliotecas escolares, jurídicas e públicas, em arquivos e professores do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

A partir das leituras realizadas durante as etapas de pesquisa bibliográfica e do registro feito a partir de observações, foi criado um questionário com dez questões com perguntas abertas, que permitem ao respondente a livre expressão de suas ideias, e fechadas, com opções pré-definidas de respostas (GÜNTER; LOPES JÚNIOR, 2012).

Os questionários foram enviados através dos aplicativos *WhatsApp* e pelo *Direct* no *Instagram*. O *link* para acesso aos questionários ficou disponível entre 01 de setembro a 30 outubro de 2020. Durante esse período foram respondidos (35) trinta e

cinco questionários. Para a análise dos dados, adotou-se a abordagem quanti-qualitativa, pois, além da quantificação dos resultados, foi feita a compreensão do objeto de estudo, de modo a se produzir informações sobre o assunto abordado, no caso, as *Fake News*.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário aplicado apresentava dez perguntas, e é importante destacar que para o alinhamento desta pesquisa não era interessante saber o sexo dos respondentes, sendo assim, a primeira questão é voltada para a identificação de qual tipo de unidade de informação atuavam os mesmos, os quais 48,6% trabalham em bibliotecas universitárias, 20% trabalham em arquivos, 8,6% cada um, trabalham em bibliotecas escolares, especializadas, e outros, e o restante 2,9% cada trabalham em bibliotecas jurídicas e pública. Na questão 2, foi perguntado se na unidade de informação da qual trabalhava, possuía algum tipo de programa (ferramenta) ou treinamento que o ajudasse a detectar ou a combater às *Fake News*, das respostas 80% disseram que Não e 20% que Sim.

Na questão 3, foi solicitado que o respondente comentasse a resposta da questão 2, das respostas afirmativas, a do respondente 04: *“Sim, no momento somente o treinamento”*. E o respondente 20 completou: *“Temos um sistema de tecnologia muito bom e uma preocupação com relação a fake news.”* Já o respondente 07 respondeu o seguinte: *“A empresa onde trabalho não dispõe de qualquer política de combate à Fake News, o que seria de suma importância para uma gestão da informação de excelência”*. Das respostas negativas, destacam-se também a do respondente 14: *“Não, por que só trabalhamos com o processamento técnico dos livros. Mas eu, particularmente, sempre verifico a procedência de uma informação antes de compartilhar.”* E a do respondente 33:

A Biblioteca Universitária que atuo não tem um programa elaborado formalmente para o combate às fake news, mas esse combate está presente em suas ações como produto (elaboração de vídeo, informativos, sobre a temática etc), como um serviço (divulgação de produção externa sobre a temática fake news) e também nos seus processos (orientações para realização das atividades por seus profissionais com atenção para a identificação de fake news)

Um ponto importante a ser destacado da terceira questão foi o da maioria das respostas negativas quando os respondentes foram perguntados se havia, na unidade de informação em que atuam, algum tipo de ferramenta ou treinamento que trata de *Fake News*, ou informações falsas. Então percebe-se duas atitudes que vão em vias diferentes, enquanto há preocupação por parte dos bibliotecários quanto a verificação das fontes de informação antes do compartilhamento, não é oferecido a eles instrumentos para tal análise e possível combate a desinformação, conforme afirma o respondente 16: *“Ainda não possuímos um detector que colete informação falsa nas nossas bases de dados.”*

Na pergunta 4, foi solicitado que o respondente escolhesse das opções dadas,

qual costumava utilizar para identificar as *Fake News* nas redes sociais, as opções de respostas foram: Sempre verifica as fontes de informação checando de todas as formas a veracidade e os aspectos da notícia, com 51,4% das respostas; Lê a matéria toda, não se limita somente ao título, ficou com 5,7%; Faz uma breve pesquisa sobre o autor e sobre a data da publicação compartilhada, teve 2,9% das escolhas; Verifica outras fontes para certificar-se de que a matéria foi publicada em outros sites confiáveis, teve 40% das respostas; e Nenhuma das opções acima, não teve nenhuma escolha. Assim é o processo de detecção de *Fake News*, ela possui o mesmo fluxo dos processos de descoberta de conhecimento em bases de dados, ou mineração de dados, que nada mais é que um pré-processamento, análise e validação da informação. Pois explora uma determinada base de dados usando algoritmos, ou ferramentas adequadas para se obter conhecimento, o que no caso das minas seriam os minerais preciosos (CASTRO, 2018, p. 66), e em meio a tanta informação mentirosa, saber diferenciar uma informação legítima é como encontrar algo realmente precioso.

Na questão 5 os respondentes foram perguntados quais das opções dadas, poderiam ajudar o(a) bibliotecário(a) na contribuição para o combate a disseminação das *Fake News*, quais sejam: Aprimorando seus estudos, sobretudo a respeito de fontes de informação. Escrevendo artigos e trabalhos sobre o assunto, não foi escolhido por nenhum dos respondentes; Educando seus usuários através de leituras, ofertando cursos e palestras sobre buscas de materiais de informação legítimas na internet, foi escolhido por 34,3%; Abordando, sempre que possível, o assunto *Fake News* com seus usuários, educando-os a antes de compartilhar publicações, sempre observem a veracidade dos fatos destacados, foi escolhido por 42,9%; Criando ferramentas de buscas seguras de informação na internet, ficou com 22,9%; ou Nenhuma das opções acima, também não foi escolhido como resposta por nenhum dos respondentes.

Nesse ponto, Silva e Tanus (2018) lembram que a efetivação do acesso e a democratização da informação que visa a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária, somente poderá ocorrer a partir da leitura crítica do mundo e da palavra, os indivíduos passam a ser os protagonistas de suas ações e o bibliotecário precisa compreender a sua responsabilidade social e política. E se o usuário passou a ser o centro das atividades, deve-se atentar de que esse mesmo usuário pode ser uma vítima ou um propagador de *Fake News*.

Na questão 6, os respondentes foram perguntados se estavam atentos acerca das legislações sobre o combate às *Fake News* e se os mesmos conheciam o inquérito 4.781

do Supremo Tribunal Federal e o Projeto de Lei, PL 2.630/2020 do Senado Federal e em tramitação na Câmara dos Deputados, das opções de respostas, Sim recebeu 34,3% e Não recebeu 65,7%. Na questão seguinte, a 7 foi solicitado que os respondentes comentassem suas respostas. Dentre elas, temos a do respondente 01, que falou o seguinte:

Acho de extrema importância a criação da PL 2.630/20, pois precisamos de transparência e veracidade nas informações divulgadas na internet. As notícias não podem ser simplesmente jogadas, de forma a causar confusão entre a sociedade, elas devem, antes de tudo, passar por uma checagem, para que cheguem ao público com responsabilidade.

A resposta do respondente 08 foi: *“Não estou antenado com a referida lei”* E o respondente 09 foi a seguinte: *“aborda a transparência de redes sociais e de serviços de mensagens privadas, atribuindo responsabilidade dos provedores.”*

O respondente 12 completou: *“Estou ciente do projeto de lei. No atual momento em que estamos vivendo é de suma importância que seja aprovado”*. O respondente 10 informou que: *“Não tinha conhecimento”*.

O respondente 14 respondeu: *“Não conheço, mas vou pesquisar.”*

O respondente 16,

Eu acredito que após a onda de compartilhamento massivo, precisamente no período das eleições presidenciais de 2018, essa legislação será pertinente quanto a regulamentação da internet no que tange ao compartilhamento de fake news.

E o respondente 33, destacou o seguinte:

Sei da existência da legislação. Sei até que recente as redes sociais nos alertavam para procedimentos de segurança em decorrência da legislação. No entanto, não conheço especialmente esses dois documentos legais. Mas sei da importância de se conhecer a legislação para se justificar o seu saber e o seu fazer perante alguém.

Através das respostas verificou-se que menos da metade dos respondentes têm conhecimento tanto do IQN 4.781 quanto da PL 2.630/2020. Vale ressaltar, que medidas assim são extremamente importantes para a criminalização das publicações maldosas. E como o relator do IQN, o ministro Alexandre de Moraes, informou, o objetivo do inquérito *“é a investigação de notícias fraudulentas (fake news), falsas comunicações de crimes, denúncias caluniosas, ameaças e demais infrações[...]que atingem a honorabilidade e a segurança[...]”*. E a PL2.630/2020, é a lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet com normas para as redes sociais e serviços de mensagens como *WhatsApp*, por exemplo. A intenção é evitar que as notícias falsas possam causar danos individuais ou coletivos e à democracia.

Sobre isso Gomes (2018, n.p.), diz o seguinte: *“A cura para esse mal, o de compartilhar notícias falsas, não está no controle ou na criação de novas leis, mas nas*

mãos de quem utiliza as redes sociais. Uma regra é elementar: verificar a fonte de informação e compará-las em *sites* de verificação e de notícias conhecidos”. Para o autor, a atitude do usuário possui um peso maior do que as próprias leis.

Na questão 8, foi perguntado aos bibliotecários, que enquanto usuário das redes sociais, o mesmo se preocupavam em validar as informações antes de propagá-las, das quais Sim obteve 100% das respostas.

E com o objetivo de acréscimo, na questão 9, solicitou-se fosse comentada a resposta anterior. As selecionadas foram, respondente 05, *“Como Bibliotecário, me sinto no dever de compartilhar apenas notícias veiculadas por fontes confiáveis”*. O respondente 09, completou: *“Compartilhamento de informações só após checagem de fontes.”*

A fala do respondente 16 foi:

Para um profissional que trabalha com informação fica muito feio, anti-ético, falta de caráter e rompe com o juramento que fazemos na colação de grau no curso compartilhar qualquer conteúdo sem antes verificar a sua veracidade.

O respondente 19: *“Nunca repasso informações, sem antes valida-las”*

Já o respondente 20, concluiu com o seguinte:

É muito importante consultar as fontes pois há uma velocidade na maneira como as fake news podem ser disseminadas. Além de observar os autores das notícias e buscar em outras fontes se a informação é confiável.

Essa fala reflete de forma clara o a maneira como o bibliotecário possui consciência da importância de uma fonte de informação confiável, e para completar esse raciocínio Almeida e Sales (2007, p. 72), esclarecem:

Em se tratando de busca de informação, não se pode deixar de mencionar a importância irrefutável das fontes de informação que, com o advento da *Internet*, se tornaram imensurável. É devido a esse grande número de fontes de informação disponíveis na Rede, que se tornou imprescindível a elaboração de critérios que avaliem a qualidade das fontes.

A fala do respondente 26 foi a seguinte: *“Como profissional da informação é necessário estar atenta a utilização e compartilhamento em qualquer local que seja”*.

E do respondente 31: *“Sempre leio a matéria toda e busco se foi publicada. Se tiver algo que ainda não me passe total veracidade, opto por não compartilhar”*.

Fica claro que os bibliotecários estão cientes do que seja uma notícia falsa e de seus malefícios e do próprio contexto em que estão inseridos. Além disso, as respostas mostram o quanto o tema *Fake News* é pertinente e deva fazer parte da atuação do profissional para além da intenção individual dos sujeitos. É preciso de fato operar com

a informação como objeto de estudo e de trabalho dentro da Biblioteconomia e Ciência da Informação, incluído as informações, boas e más, que afetam diretamente a construção de uma sociedade democrática, e as relações informação, biblioteca e democracia (BUSCHMAN, 2018, n.p.).

Na questão 10, os profissionais foram perguntados sobre qual das reações costuma ter quando percebe que uma publicação/informação é falsa. Das respostas apresentadas para escolha, ficou assim: Não sabe reconhecer quando uma publicação é falsa, e algumas vezes até compartilha também, foi escolhida por 2,9%; Sempre verifica a veracidade e quando percebe que se trata de uma notícia falsa, informa aos responsáveis pelo site denunciando a publicação, ficou com 54,3% das respostas escolhidas; Percebe com certa facilidade quando uma notícia é falsa mas mesmo assim não a denuncia, pois acredita que não surtirá efeito algum, foi escolhida por 17,1% dos respondentes e a opção, Simplesmente ignora, foi escolhida por 25,7% deles.

Para Branco (2017, p. 61) somente por meio da educação e do uso responsável da tecnologia, está a saída de um lugar para a chegada a outro melhor. E no caso das *Fake News* esse caminho é longo, demorado e demanda esclarecimento e esforço coletivo, sobretudo, em repudiar notícias falsas e estimular a busca por fontes seguras de informação.

Observou-se nas respostas que a maioria dos respondentes buscam averiguar se a informação é falsa ou verdadeira antes de compartilhá-la. As escolhas demonstraram que os bibliotecários estão preparados para promoverem o debate dentro e fora da biblioteca quando o tema é *Fake News*, e embora não tenham ainda ferramentas próprias que o ajudem no desenvolver de suas atividades diárias, os mesmos possuem clareza e discernimento quando o assunto é compartilhamento de informações.

É de extrema importância que o bibliotecário, como um profissional da informação supostamente capacitado em competências informacionais, deva utilizar suas capacidades para não apenas identificar a falsidade das notícias, como também, ensinar outras pessoas a fazerem o mesmo. O bibliotecário que não realiza tal prática “põe em cheque” toda uma classe profissional que busca sempre atender seus usuários com qualidade e presteza, utilizando sempre de fontes de informações seguras e confiáveis.

Diante de tudo que foi exposto, percebe-se que os bibliotecários buscam aliar competências necessárias ao contexto atual, que convoca para um olhar crítico e apurado diante de tantas informações postadas nas redes. Dessa forma, os bibliotecários

têm a capacidade de se adaptar ao ambiente profissional e social, devendo atender a sua comunidade de maneira eficiente, responsável e ética, no que tange mediação de informação legítima. Buschman (2018) diz que, os bibliotecários têm a responsabilidade da alfabetização informacional e política, inscrevendo o espaço da biblioteca na cultura democrática, o que requer um engajamento no sentido de demonstrar que a democracia passa por espaços onde a informação é construída e debatida. E nesse debate, só cabem informações que caminham junto com a verdade.

9 CONCLUSÃO

Um fator importante para o início da pesquisa que resultou neste trabalho foi de que se tratava de uma problemática diretamente ligada a informação. Conforme pode ser observado, a palavra *Fake News* ganhou destaque como tema na maioria das postagens, compartilhamentos e diálogos dos meios sociais relacionadas a veracidade das informações. Desta forma, visto que o bibliotecário representa um importante papel no processo de organização, recuperação e disseminação de informações, a ideia seria em transformá-lo em um dos principais atores no combate a propagação de notícias falsas.

Devido a extensão do tema e sua complexidade, foi possível traçar um panorama sobre o mesmo a partir de sua origem e o mal que causa a sociedade e a nossa democracia. Fato suficiente para virar tema de debate e discussão com os usuários das bibliotecas e demais unidades de informação.

O objetivo geral da pesquisa foi o de verificar as atitudes dos bibliotecários no contexto da (Des)Informação por *Fake News* nas redes sociais. Mais especificamente na identificação das fontes de informação na *web*, contextualizando as *Fake News* nas redes sociais e seus aspectos legais, assim como tentar mostrar o papel importante do bibliotecário no combate as notícias falsas e verificar a percepção desse mesmo profissional na validação da informação. O objetivo foi alcançado, pois se observou que, existe sim a responsabilidade do profissional quando se trata de informação compartilhada, e este utiliza de todas as ferramentas disponíveis. No entanto como se pode perceber por meio da pesquisa, algumas dificuldades estariam ligadas a falta de recursos, programas específicos e ferramentas próprias que as unidades de informação deixariam de fornecer.

Os bibliotecários respondentes se mostraram sujeitos entendedores e responsáveis no combate à disseminação de notícias falsas, não apenas em seu ambiente profissional, mas também no contexto pessoal, reiterando o seu compromisso como cidadão. Mostraram também, através de suas respostas, a preocupação ou mesmo o cuidado em sempre verificar o conteúdo e a veracidade das informações recebidas e compartilhadas. No entanto, as unidades de informação, conforme pode ser percebido, ainda não se mostram preparadas para o trabalho de combate às notícias falsas, o que foi comprovado através das respostas dos bibliotecários, que destacaram que as mesmas não oferecem ferramentas para os profissionais, mas que esse detalhe não diminui nesses profissionais o compromisso em trabalhar com a verdade a ser disseminada

através da informação, pelo usuário, solicitada.

Percebeu-se que para muitas pessoas há certa dificuldade em distinguir uma informação falsa de outra verdadeira, para essa problemática existe o profissional da informação que além de auxiliá-los, seria o educador na otimização do uso das ferramentas de buscas. Para tanto, este precisa estar continuamente aprimorando e adquirindo novas competências profissionais. Essas competências e habilidades são necessárias para o bibliotecário desenvolver constantemente, e dessa forma suprir a demanda e os desafios informacionais, o que o faz ser convocado a ser mais presente e mais participativo e deter um olhar mais apurado para os indivíduos usuários das redes e os usos de informação feita de um modo geral.

Cai por terra um provérbio popular que diz que “a mentira tem perna curta”, isso não se aplica ao mundo virtual, diante disso e das mudanças tecnológicas e da velocidade de disseminação de informações, surge um novo desafio aos bibliotecários, que foi a compreensão do fenômeno da pós-verdade, da desinformação e das *Fake News*. E o entendimento aqui é de que essa temática é de grande relevância para a Biblioteconomia e para a Ciência da Informação, pois ambos se ocupam dos usuários em meio ao fenômeno informacional.

Os profissionais precisam usar as competências adquiridas na academia para o serviço de combate à propagação de notícias falsas através das redes aos seus usuários. Sugere-se aqui abordar com mais frequência, temas relativos as *Fake News* para de fato envolver a comunidade nesse debate, promovendo mais ações integrativas e voltadas para a construção do diálogo e pensamento crítico dos usuários.

O tema *Fake News* é um campo fértil para aproximar e fortalecer a comunidade com a biblioteca e com os bibliotecários. Outro ponto importante é a produção sobre os temas como *Fake News*, pós-verdade e desinformação junto ao universo da Biblioteconomia e Ciência da Informação e, mais especificamente, vinculadas às atividades biblioteconômicas que são ainda poucas quando comparadas com outros assuntos. O assunto *Fake News*, é muito mais abordado em outros campos do conhecimento como Comunicação, Jornalismo, Direito, entre outros, o que pede um olhar interdisciplinar e uma possibilidade de ação conjunta.

Na Biblioteconomia, propõe-se que sejam desenvolvidas mais pesquisas sobre a temática das *Fake News*, além de ser uma discussão atual, poderá ainda contribuir para o desenvolvimento da sociedade, onde os cidadãos possam verificar, criticar, acessar e compartilhar informações confiáveis.

Ainda recomenda-se que sejam criadas diretrizes para utilização de ferramentas na identificação de *Fake News* nas bibliotecas. Além de, projetos, programas e atividades que estimulem os usuários a buscar fontes de fontes para constatar a veracidade das informações através da leitura para combater a propagação das *Fake News*.

Pois, apenas a criação de leis não será suficiente para o combate às notícias falsas. O poder está nas mãos dos usuários, e nesse contexto encontramos aqueles que compartilham *Fake News* por não possuírem a habilidade em reconhecê-las. Destaca-se ainda que, apesar da frequência de compartilhamento ser maior entre aqueles que possuem menor nível de escolaridade. Entre os usuários com instrução superior, também existe o compartilhamento de *Fake News*, estes levados pela convicção, ou seja, o conteúdo traz aquilo que usuário gosta e acredita da notícia recebida, não interessando se é falsa.

Conclui-se, no contexto do bibliotecário, as dificuldades são estabelecidas devido à falta de ferramentas definidas quando se trata de trabalhar no reconhecimento de notícias falsas. Dessa forma, propõe-se que, sejam ofertadas disciplinas em sua grade curricular de formação, para que estudem a desinformação e todo o mal que causam a democracia, visto que, se trata de um assunto sério e como tal deve ser tratado e trabalhado por esse profissional. Essa pesquisa vem justamente com a intenção de estabelecer uma inquietação, com o intuito de chamar atenção da classe bibliotecária para mais estudos nessa área, fazendo com que os mesmos tenham mais propriedade nas falas e atitudes frente ao combate às *Fake News*.

E é sempre bom lembrar: “Na dúvida não compartilhe!”

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **WhatsApp é principal fonte de informação do brasileiro, diz pesquisa da Câmara e do Senado**, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

AGUIAR, Giseli Adornato de. **Uso das Ferramentas de Fedes Sociais em Bibliotecas Universitárias: um estudo exploratório na UNESP, UNICAMP e USP**. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde3122012160409/publico/Giseli_Aguiar_Dissertacao_final.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2020.

ALENCAR, Maria da Glória Serra Pinto de Alencar et al. Sociedade da (des)informação em tempos de pandemia no Brasil: a competência informacional do bibliotecário para a prevenção e o controle da propagação do novo corona vírus. **REBECIN**, São Paulo, v. 7, número especial, p. 90 -108, 2020. DOI: 10.24208/rebecin.v7iespecial.199. Disponível em: <<https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/199/202>>. Acesso em: 14 out. 2020.

ALEXANDRE, Luiza Sousa. Redes sociais: Raio X completo das dez mais usadas no Brasil. **Hotmart/Blog**, 2019. Disponível em: <<https://blog.hotmart.com/pt-br/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em: 19 out. 2019.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. L. P. **Gestão da Informação e do Conhecimento no Âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS Neto, João Arlindo dos. **Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações**. Informação e Informação, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98 - 116, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ANDRADE, Maria Margarida de. Pesquisa científica: noções introdutórias. In: ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999. cap. 10, p. 103-109.

ARAUJO, Beatriz Pozzobon. Redes sociais na Internet e novas formas de sociabilidade: Um estudo do Facebook. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Chapecó/SC, maio/jun. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1239-1.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2020.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. A pesquisa e a iniciação científica. In: BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. cap. 7, p. 105-118.

BEZERRA, Juliana. LIBERDADE DE EXPRESSÃO. **Toda Matéria**, 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/liberdade-de-expressao>>. Acesso em: 25 maio 2020.

BLATTMANN, Ursula. O que são fontes e recursos informacionais? **BVABCI**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://bib-ci.wikidot.com/o-que-sao-fontes-e-recursos-informacionais>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

BLATTMANN, Ursula; RODRIGUE, Charles. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.3, p.4-29, jul./set. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pci/v19n3/a02v19n3.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

BOMFIM, Camila. Frota depõe à PF e aponta relação direta com de Eduardo Bolsonaro com difusão de fake news. **G1**, Brasília, 06 de out. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/06/frota-depoe-a-pf-e-aponta-relacao-direta-de-eduardo-bolsonaro-com-difusao-de-fake-news.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRANCO, Sergio. Fake News e os Caminhos para Fora da Bolha. **Itsrio.org**, 2017. Disponível em: <<https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/08/sergio-fakenews.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BRAYNER, Cristian. Biblioteca e Fake News: Algumas inverdades desta relação. In: Semana do Bibliotecário da Escola de Ciência da Informação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 4., 2019, Minas Gerais. **Anais [...]** Minas Gerais: UFMG, 2019.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à internet**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução: Maria Luiza X de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, Leandro Nunes de. Computação e Desinformação: tecnologias de detecção de desinformação online. In: RAIS, Diogo (Coord.). **FAKE NEWS: Conexão entre a desinformação e o direito**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018, p. 61-73.

CARVALHO, Victor. Censura: o que dizem as leis brasileiras?. **Politize**, 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/censura/>> Acesso em 19 out. 2019.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. Formas de pensamento. In: CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. cap. 4, p. 43-54.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. Elaboração e comunicação da pesquisa. In CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. cap. 6, p. 71-90.

COELHO NETO, José Teixeira. Do paradigma do acervo para o paradigma da informação. In: Simpósio Brasil-Sul de informação, 1., 1996, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 1996, p. 15-30.

COGGLE. **Diferenças entre Web 1.0, 2.0, 3.0 e 4.0**. Disponível em: <<https://coggle.it/diagram/WBZ0Lu-xB8oOSyoE/t/diferen%C3%A7as-entre-web-1-0%2C-2-0%2C-3-0-e-4-0>> Acesso em: 20 out. 2019.

CONTRAINFORMAÇÃO In **Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/contrainformação>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Resolução nº 207 de novembro de 2018. Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 7 nov. 2018. Disponível em: <<http://crb6.org.br/2020/wp-content/uploads/2019/12/Resolu%C3%A7%C3%A3o-207-C%C3%B3digo-de-%C3%89tica-e-Deontologia-do-CFB-1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfine; CUSTÓDIO, Marvela Gaspar. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em ortega y gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 2, p. 197-214, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/2566>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CURTY, Renata Gonçalves. Web 2.0: Plataforma para o conhecimento coletivo. In: TOMAÉL, M.I. (Org.). **Fontes de Informação na Internet**. Londrina: EDUEL, 2008. cap.3.

DATAREPORTAL. **DIGITAL 2019: VISÃO GERAL DIGITAL GLOBAL**. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2019-global-digital-overview#:~:text=There%20are%203.48%20billion%20social,of%20more%20than%2010%20percent>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de Informação: um manual para cursos de graduação em biblioteconomia e ciência da informação**. São Carlos: EdUFScar, 2005.

EDUCAMÍDIA. **Glossário**. Disponível em: <<https://educamidia.org.br/glossario>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

EPPLER, Martin J. **Gerenciando a qualidade da informação: aumentando o valor da informação em produtos e processos intencivos em conhecimentos**. 2. ed. Heidelberg: Springer, 2006.

FADUL, Anamaria. Hegemonia e contra-informação: por uma nova práxis da comunicação. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins (org.). **Comunicação, hegemonia e contrainformação**, pp. 25- 39. São Paulo: Cortez Intercom, 1982.

FLUSSER, Victor. A contra-informação como ato cultural. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins (org.). **Comunicação, hegemonia e contrainformação**, pp. 159-164. São Paulo:

Cortez Intercom, 1982.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GOMES, Marcus Vinicius. Fake News: A Mentira Dissimulada. **Bonijuris**, Paraná, v. 30, n. 652, p. 24-29, jun./jul. 2018.

GUIMARÃES, Angelo de Moura. Internet. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às Fontes de Informação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GÜNTER, Hartmut; LOPES JÚNIOR, Jair. Perguntas abertas versus perguntas fechadas: uma comparação empírica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 203-213, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17094/15580>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

IDEAL MARKETING. **Tudo sobre redes sociais: o guia completo das mídias online**. Disponível em: <<https://www.idealmarketing.com.br/blog/tudo-sobre-rede-social/#rede-social-versus-midia-social>> Acesso em: 19 out. 2019.

INTERNETINNOVATION. **Como será a Web 4.0?**. Disponível em: <<https://www.internetinnovation.com.br/blog/como-sera-a-web-4-0-2/>> Acesso em 19 out. 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION INSTITUTION. **Código de Ética da IFLA para Bibliotecários e outros profissionais da informação**. 2012. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/faife/codesofethics/portugueseofethicsfull.pdfpdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION INSTITUTION. **Como identificar notícias falsas**. 2018. Disponível em: <http://www.ifla.org/publications/node/11174>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ROBERTO JUNIOR, Paulo. Cerca de 70% dos brasileiros ativos no Facebook se informam pela rede social. **Observatório da Imprensa**. 2015. Disponível em: <observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/cerca-de-70-dos-brasileiros-se-informam-pelo-facebook/>. Acesso em: 09 jun. 2019.

LUCE, Bruno Fortes. **O Bibliotecário e as Fake News: Atuação do profissional da informação na era da pós verdade**, 2018. 70 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Paraná, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **E.D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGRANI, Eduardo. **Democracia Conectada: A Internet como Ferramenta de Engajamento Político-Democrático**. Curitiba: ed. Juruá, 2014; p. 118.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Espelho e a Máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio**. Discurso Editorial; Editora Unijuí, São Paulo, 2002.

MARTELETO, Regina Maria; TOMAÉL, Maria Inês. REDES SOCIAIS: posições dos atores no fluxo da informação. **R. Eletr. Bibliotecon. CI. Inf.**, Florianópolis, n. esp., 1º sem., p. 75-91, 2006. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/bb51/d89a62a7b93de6e9338496b6d388d319aa6b.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

MARTELETO, Regina Maria. REDES SOCIAIS, MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE INFORMAÇÕES: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Brapci**, Paraná, v. 3, n. 1, p. 27-46, 2010. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009339/966119cbd9b3226733c214a5fe6b25b7>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

MENEGUS, Bryan. TIM Berners-Lee, o pai da web, está desapontado com o que sua criação se tornou. **UOL**, 2019. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/tim-berners-lee-30-anos-web/>> Acesso em: 19 de out. 2020.

MONTEIRO FILHO, Armando Ortiz. Comunicação Hi-Tech: Digital e Pós-Verdade política. In: PENSACOM BRASIL, 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônico**. São Paulo: PENSACOM BRASIL, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/c9EvkC>>. Acesso em: 27 set 2019.

COELHO NETO, José Teixeira. Do Paradigma do acervo para o paradigma da informação. In: SIMPÓSIO BRASIL-SUL DE INFORMAÇÃO, 1. 1996, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 1996. p. 15-30

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 10 dezembro de 1948. Disponível em: <<https://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

OXFORD DICTIONARIES. **Oxford dictionaries word of the year 2016**. Londres, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/HKvQJT>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PRIBERAM DICIONÁRIO. **Contrainformação**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/contrainforma%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

PENATTI, Giovana. 25 anos de world wide web: as primeiras aparições do que é a internet hoje. **Tecnoblog**, 2015. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/152943/25-anos-world-wide-web/>> Acesso em: 19 out. 2019.

PETRÓ, Bibiana. **Análise do fluxo informacional dos gestores turísticos da unidade de conservação Parque Natural Municipal Mata Atlântica de Atalanta – SC**. 2008. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RAIS, Diogo. O que é "Fake News". **PORTAL MACKENZI**. São Paulo, 13 abr. 2017. Disponível em: < <https://goo.gl/8FukDH/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

RECEBI uma notícia e não sei se é falsa. Como faço para checar?. [São Paulo], 23 fev. 2020. **Instagram:** @educamidia. Disponível em: <<https://www.instagram.com/educamidia/>>. Acesso em 31 ago. 2020.

RECUERO, Raquel. Rede Social. In: SYPER, Juliano. **Para Entender a Internet: noções práticas e desafios da Comunicação em Rede**. [S.l]: NãoZero, 2009. Disponível em:<http://itsbrasil.org.br/sites/itsbrasil.w20.com.br/files/infoteca/uploads/SPYER_J%20Juliano._-org%20-_Para_entender_a_Internet.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

REPOSITORIUM. **Breve história da INTERNET**. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3396/1/INTERNET.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

ROCKEMANN, Roberto. As redes sociais no mundo das fake news. **REPÓRTER BRASIL**, 2019. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2019/06/as-redes-sociais-no-mundo-das-fake-news/>>. Acesso em: 18 out. 2019.

ROCKCONTENT. **Custo por clique: aprenda o que CPC significa para o PPC**. Disponível: < <https://rockcontent.com/br/blog/custo-por-clique/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SILVA, Silvana Souza da; TANUS, Gabrielle Francine de Sousa Carvalho. O BIBLIOTECÁRIO E AS FAKE NEWS: Análise da percepção dos egressos do curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 58-82, jul./dez. 2019.

SILVA, Edna L. da; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: < <https://goo.gl/3fwPdy>>. Acesso em 27 abr. 2020.

SIMÕES, Priscila Pessoa; SILVA, Maria Lidiane Chaves. O USO DAS FERRAMENTAS DA WEB 2.0 PELOS BIBLIOTECÁRIOS DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: estudo do uso, interação e aplicação nesses ambientes.

SITESRECORD. **O que é ARPANET**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/sitesrecord/o-que-e-arpamet/>> Acesso em: 19 out. 2019.

TEIXEIRA, Cenidalva Miranda de Sousa; SCHIEL, Ulrich. A Internet e seu impacto nos processos de recuperação da informação. **Ciência da informação**, v. 26, n. 1, 1997. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/754>. Acesso em: 10 set. 2020.

TOMAÉL, Maria Inês et al. **Fontes de informação na Internet: acesso e avaliação das disponíveis nos sites de universidades**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12, 2000, Florianópolis-SC. Disponível em:<<http://www.snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t138.doc>>. Acesso em 29 ago. 2020.

TURNER, David; MUÑOZ, Jesus. **Para os filhos dos filhos de nossos filhos: uma visão da sociedade internet**. São Paulo: Summus, 2002.

WE ARE SOCIAL. **Digital In 2017 Global Overview**. Milan, 2018. Disponível em: <<https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2019-global-overview> >. Acesso em 18 abr. 2020.

WIKI. **Operação Guarda-costas – Operation Bodyguard**. Disponível em: <https://pt.qwe.wiki/wiki/Operation_Bodyguard>. Acesso em: 18 abr. 2020.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 285-293. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinchttp://dx.doi.org/10.18617/liinc.v13i2.4075>>. Acesso em: 3 dez. 2019

ZOOMCOMUNICAÇÃO. **FAKE NEWS: O PERIGO DAS NOTÍCIAS FALSAS NAS REDES SOCIAIS**, 2018. Disponível em: <<https://zoomcomunicacao.com.br/fake-news-o-perigo-das-noticias-falsas-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) Bibliotecário(a), este questionário tem a finalidade de coletar informações que forneçam subsídios para a elaboração do meu trabalho de conclusão da Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, que versará sobre o papel do profissional bibliotecário no combate à disseminação de notícias falsas, mais conhecidas por Fake News.

Contato: suyanneclaire@gmail.com

*Obrigatório

1 - Em qual tipo de unidade de informação você trabalha? *

Biblioteca Pública ()

Biblioteca Escolar ()

Biblioteca Jurídica ()

Biblioteca Especializada ()

Biblioteca Universitária ()

Arquivo ()

Outros ()

2 - A unidade de informação na qual trabalha, possui algum tipo de programa (ferramenta) ou treinamento que ajude a detectar ou a combater às fake news? *

Sim ()

Não ()

3 - Comente sua resposta anterior *

4 - Das opções abaixo, qual você costuma utilizar para identificar as fake news nas redes sociais? *

Sempre verifica as fontes de informação checando de todas as formas a veracidade e os aspectos da notícia.()

Lê a matéria toda, não se limita somente ao título. ()

Faz uma breve pesquisa sobre o autor e sobre a data da publicação compartilhada.

()

Verifica outras fontes para certificar-se de que a matéria foi publicada em outros sites confiáveis. ()

Nenhuma das opções acima. ()

5 - Quais dessas opções, na sua opinião, poderiam ajudar o(a) bibliotecário(a) na contribuição para o combate a disseminação das fake news? *

Aprimorando seus estudos, sobretudo a respeito de fontes de informação. Escrevendo artigos e trabalhos sobre o assunto. ()

Educando seus usuários através de leituras, ofertando cursos e palestras sobre buscas de materiais de informação legítimas na internet. ()

Abordando, sempre que possível, o assunto Fake News com seus usuários, educando-os a antes de compartilhar publicações, sempre observem a veracidade dos fatos destacados. ()

Criando ferramentas de buscas seguras de informação na internet. ()

Nenhuma das opções acima. ()

6 - Você está atento às legislações sobre o combate às fake news? conhece o inquérito 4.781 do Supremo Tribunal Federal e o Projeto de Lei, PL 2.630/2020 em tramitação na Câmara dos Deputados? *

Sim ()

Não ()

7 - Comente sua resposta anterior *

8 - Enquanto usuário das redes sociais virtuais, você se preocupa em validar as informações antes de propagá-las? *

Sim ()

Não ()

9 - Comente sua resposta anterior *

10 - Qual dessas reações você costuma ter quando percebe que uma publicação/informação é falsa: *

Não sabe reconhecer quando uma publicação é falsa, e algumas vezes até compartilha também. ()

Sempre verifica a veracidade e quando percebe que se trata de uma notícia falsa, informa aos responsáveis pelo site denunciando a publicação. ()

Percebe com certa facilidade quando uma notícia é falsa mas mesmo assim não a denuncia, você acredita que não surtirá efeito algum. ()

Simplesmente ignora. ()